

Livro Vermelho das Crianças



Otávio Maia
Tino Freitas

Livro Vermelho das Crianças

Otávio e Tino são movidos pelo mais nobre dos esforços na área da comunicação: levar às crianças a informação capaz de inspirar uma nova atitude em favor da vida. Fazem isso com graça, leveza e extrema sensibilidade. Não é fácil disputar a atenção com *games*, redes sociais e aplicativos que reinam soberanos no universo eletrônico cada vez mais presente no dia a dia da garotada. Mas os autores são persistentes, talentosos e alcançam de forma surpreendente seus objetivos.

Neste genial Livro Vermelho das Crianças, a informação científica aparece disfarçada na forma de saborosas histórias caprichosamente ilustradas pelas crianças que tiveram seus trabalhos selecionados no Concurso de Desenhos Infantojuvenis Animais em Perigo. Impossível não se entreter com a diversidade de estilos e sensibilidades que imprimiram ao traço de cada ilustrador uma personalidade única. É criança se comunicando com criança. O resultado é espetacular.

As 50 espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção não aparecem no livro para despertar a piedade dos leitores, mas, antes, curiosidade e empatia. Otávio e Tino abriram mão de clichês dramáticos – invariavelmente apelativos e que resvalam, por vezes, no sensacionalismo – para impregnar de ciência os pequenos contos que revelam aspectos fundamentais da vida dos bichos, da interação deles com a natureza, e, principalmente, das razões pelas quais certas espécies estariam sujeitas ao risco do desaparecimento.

Em um país onde tantos reconhecem a importância da educação ambiental e tão poucos conseguem efetivamente praticá-la – seja nos lares, seja nas escolas – o Livro Vermelho das Crianças instiga pais e professores a descobrirem novos meios de comunicar o quanto somos responsáveis pela sobrevivência de inúmeras espécies (especialmente para os estudantes do ensino fundamental I), e o desafio premente de uma nova ética civilizatória em que haja mais interação e menos destruição.

País megabiodiverso, que concentra a maior parte da vida catalogada pelos cientistas, o Brasil enfrenta enormes dificuldades para combater o tráfico de animais silvestres, ao mesmo tempo em que o desmatamento, a urbanização acelerada e caótica, e a disseminação de certos poluentes constituem risco real de sobrevivência para numerosas espécies.

Por tudo isso, é muito bem-vindo o Livro Vermelho das Crianças. Não há melhor maneira de ensinar do que divertindo. Que desperte consciências e inspire novas atitudes!

André Trigueiro
Jornalista



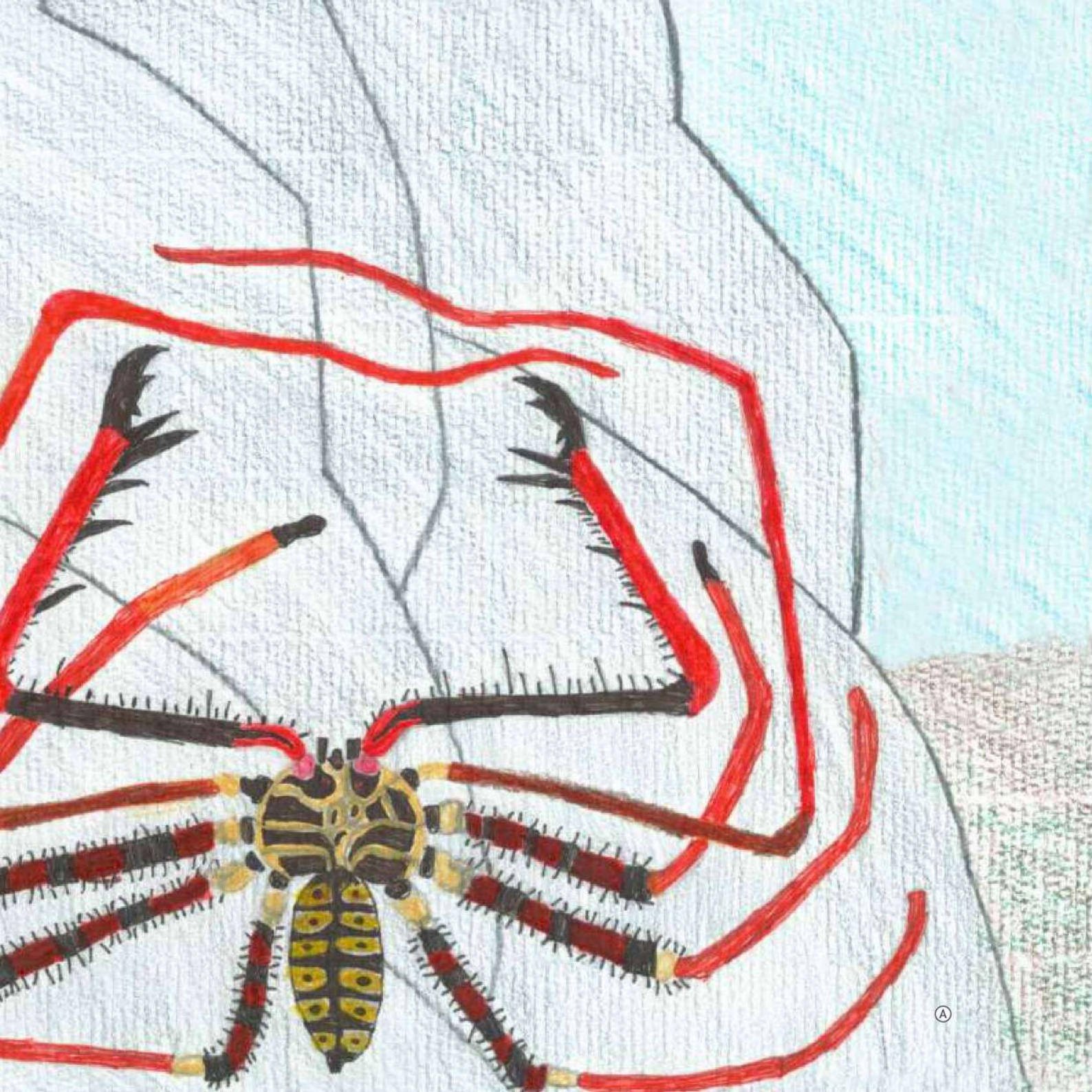


Livro Vermelho das Crianças

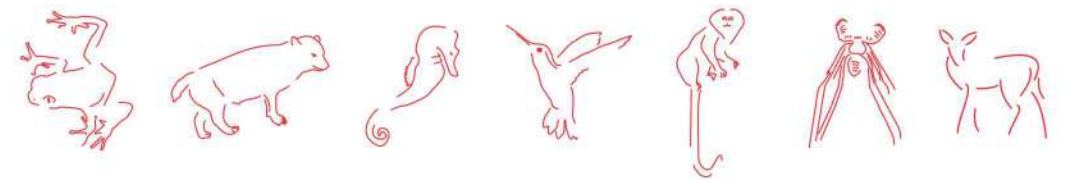


Cooperação
Representação
no Brasil





Livro Vermelho das Crianças



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Diretora

Cecília Leite Oliveira

Coordenação-Geral de Pesquisa e Desenvolvimento de Novos Produtos

Arthur Fernando Costa

Coordenação-Geral de Pesquisa e Manutenção de Produtos Consolidados

Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares

Coordenação-Geral de Tecnologias de Informação e Informática

Leonardo Lazarte

Endereços:

SAUS, Quadra 5, Lote 6, Bloco H, 5º andar

Setor de Autarquias Sul

70.070-912 - Brasília - DF

Tel.: + 55 61 3217-6360

Rua Lauro Muller, 455, 4º andar

Botafoogo

22.290-160 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: + 55 21 2275-0321

www.ibict.br



O Canal Ciência é um serviço de divulgação científica do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), uma das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Entre os pioneiros em fazer, na internet, a ponte entre ciência e tecnologia e a sociedade, o portal Canal Ciência promove, desde 2002, a difusão do saber por meio da divulgação de pesquisas desenvolvidas nas instituições de ensino e pesquisa nacionais, em linguagem acessível, de fácil leitura e compreensão.

www.canalciencia.ibict.br

www.facebook.com/canalcienciaibict

@canal_ciencia

canalciencia@ibict.br



Otávio Borges Maia
Tino Freitas

Livro Vermelho das Crianças



Brasília
2015

© 2015 Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, a não ser com autorização escrita do Ibict, conforme a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Este livro não poderá, em hipótese alguma, ser convertido em dinheiro, trocado ou substituído por quaisquer outros produtos, bem como comercializado.

Os animais e categorias de ameaça estão de acordo com as Portarias nº 444 e nº 445 – publicadas pelo Ministério do Meio Ambiente, em 17 de dezembro de 2014 – que reconhecem como espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção e espécies de peixes e invertebrados aquáticos da fauna brasileira, respectivamente, aquelas constantes da Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção.

Coordenação editorial
Otávio Borges Maia

Resenha
André Trigreiro

Revisão gramatical e ortográfica
Joelma Fernanda Carneiro Silva

Capa, projeto gráfico e diagramação
Ricardo Campos (Zoo Design)

Apoio administrativo
CONTEUDDO Informação e Comunicação

M217I Maia, Otávio Borges.
 Livro Vermelho das Crianças / Otávio Borges Maia, Tino Freitas.
 Brasília: Ibict, 2015.- 166 p.; il.; 22,5 x 21 cm

Ilustrações selecionadas por meio do Edital do Concurso de Desenhos Infantojuvenis Animais em Perigo.

ISBN: 978-85-7013-101-0 e eISBN: 978-85-7013-102-7

I. Espécie ameaçada de extinção - Brasil. 2. Fauna ameaçada de extinção - Literatura Infantojuvenil. 3. Divulgação Científica. 4. Crianças e Ciência. 5. Educação Ambiental. 6. Ensino Fundamental. I. Título. II. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

CDU 502.172(81)
CDD 591.639.981

1ª impressão: 1.000 exemplares



Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as do Ibict ou da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), nem comprometem o Instituto ou a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da Unesco a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

Esta publicação tem a cooperação da Unesco no âmbito do Projeto 914BRA2015, o qual tem o objetivo de atualizar e implementar processos organizacionais e de gestão da informação em Ciência, Tecnologia e Inovação, para consolidar as políticas públicas de descentralização e democratização da produção e do acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos.

Comissão Julgadora do Concurso de Desenhos Infantojuvenis Animais em Perigo

Denise de Souza Fleith
Professora associada do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UnB)

Maria Beatriz Filipe Nogueira de Almeida
Professora da Biblioteca Infantil 104/304 Sul (Escolinha de Criatividade), Secretaria de Estado de Educação do Governo do Distrito Federal

Tino Freitas
Jornalista, escritor infantojuvenil e mediador de leitura do projeto Roedores de Livros (Ceilândia, DF)

Otávio Borges Maia
Analista em Ciência e Tecnologia, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict/Canal Ciência)



Desenho feito por um dos filhos de Charles Darwin (provavelmente Francis)
no verso de uma das folhas do manuscrito original 'A origem das espécies' (1859).
Reprodução autorizada pela Cambridge University Library.

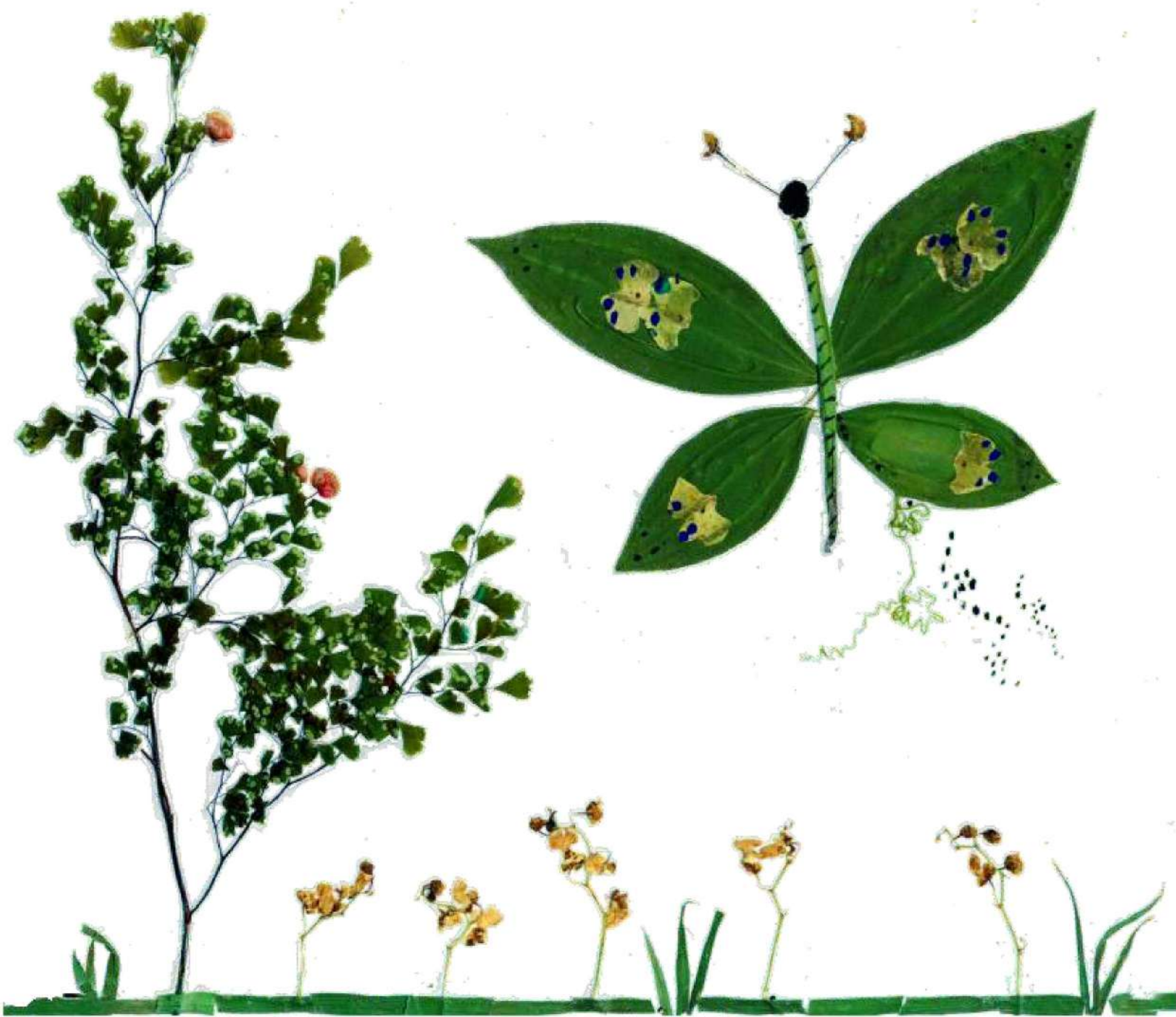
"A ciência pode classificar e nomear
os órgãos de um sabiá
Mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular
quantos cavalos de força existem
Nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação
perde o condão de adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam".

Manoel de Barros



Sumário

Apresentação	13
Perguntas temáticas	15
Bichos da Amazônia	41
Bichos da Caatinga	55
Bichos do Cerrado	71
Bichos do Pantanal	93
Bichos do Pampa	101
Bichos da Mata Atlântica	109
Bichos do mar e ilhas oceânicas	135
Agradecimentos	155
Ilustradores	157
Sobre os autores	163
Índice das espécies	165



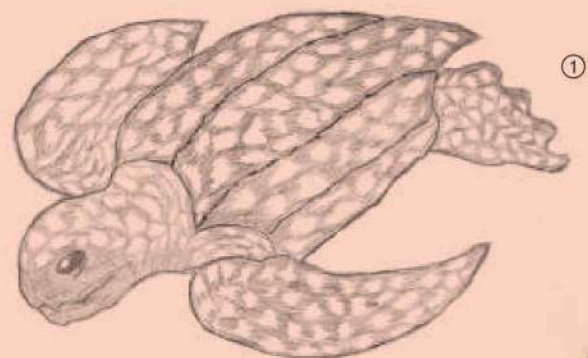
Apresentação

Os livros infantojuvenis são valiosos parceiros da divulgação científica, pois oferecem informação e conhecimento, influenciando a conscientização do leitor sobre temáticas de relevante interesse da sociedade.

Assim, o Livro Vermelho das Crianças, projeto do Portal de divulgação científica Canal Ciência, objetiva familiarizar as crianças com a terminologia usada para tratar da avaliação do estado de conservação das espécies; popularizar e difundir a importância do uso da informação científica e tecnológica na elaboração da Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção; promover as espécies da fauna brasileira; subsidiar educadores na discussão e valorização da temática ambiental; buscar a inclusão do público infantojuvenil na Sociedade da Informação e do Conhecimento. Os objetivos são alcançados por meio de conteúdo produzido em linguagem de fácil compreensão, adequada aos estudantes do ensino fundamental.

Neste livro, 50 espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção são protagonistas de histórias que apresentam, de forma lúdica, curiosidades biológicas capazes de despertar a afetividade no leitor – sem explorar a condição de espécie ameaçada – e reforçar a relação de equilíbrio entre a fauna e o meio ambiente. As questões diretamente relacionadas às ameaças de extinção e às estratégias de conservação são tratadas nos textos iniciais, que antecedem as histórias de cada espécie. Textos simples, acompanhados de ilustrações feitas por crianças participantes do Concurso de Desenhos Infantojuvenis Animais em Perigo, convidarão o leitor para uma reflexão crítica sobre a extinção das espécies da fauna, bem como da importância da informação em CT&I e da popularização da ciência na conservação da natureza.

Cecília Leite Oliveira
Diretora do Ibict



①



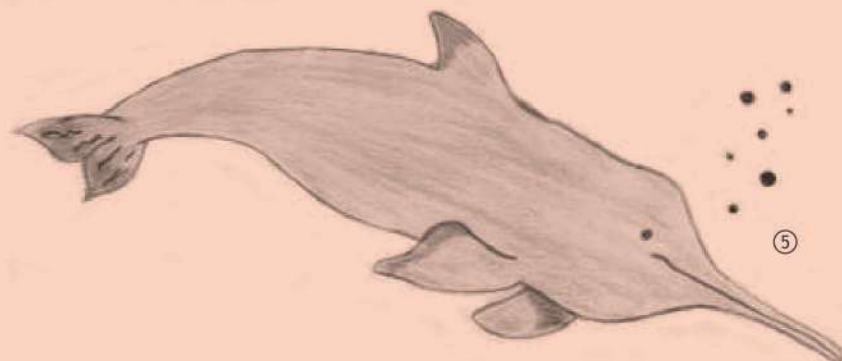
③



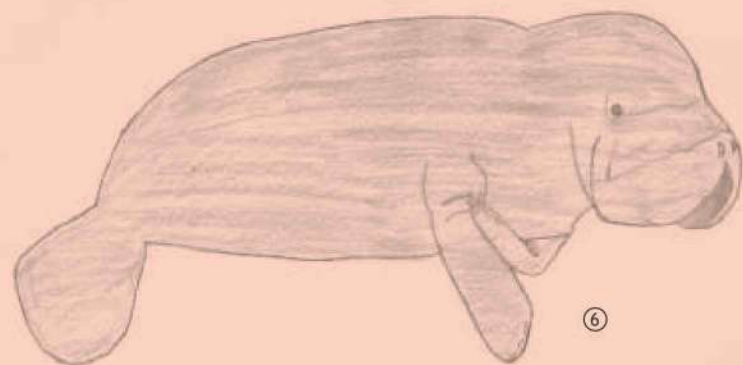
②



④



⑤



⑥



③

Você sabe o que é o Livro Vermelho?

O Livro Vermelho é organizado a partir de uma Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção e reúne várias informações científicas sobre os bichos, sobre as ameaças à sobrevivência deles, o motivo pelo qual correm risco de extinção, a categoria de ameaça de cada um, ações que podem ser feitas para deixar de serem espécies ameaçadas de extinção, nomes de pesquisadores e instituições que se dedicam a pesquisar a fauna. Tudo isso em um único livro!

O objetivo do Livro Vermelho é informar e alertar a sociedade sobre as espécies que correm risco de desaparecer na natureza.



O que é uma Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção?

É um documento produzido por governos ou organizações formadas por cientistas. A Lista identifica as espécies da fauna silvestre que correm risco de desaparecer na natureza.

No Brasil, os governos federal, estadual, distrital e municipal podem publicar Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção. Então, uma espécie que ocorre naturalmente em vários estados pode estar na Lista Nacional, mas não estar na Lista de um estado onde ainda existe uma população protegida dessa espécie. O inverso também pode ocorrer.

Os bichos da Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção são especialmente protegidos por lei e os crimes cometidos contra eles são considerados mais graves, recebendo penas e multas maiores.



Por que a Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção é importante?

A Lista é importante para alertar a sociedade e governos sobre o risco de extinção das espécies e incentivar ações de proteção – como a criação de unidades de conservação (Parques Nacionais, Reservas Biológicas, Refúgios de Vida Silvestre ou Reservas Particulares do Patrimônio Nacional).

Na avaliação dos impactos ambientais provocados por grandes obras, como hidrelétricas, portos, ferrovias, rodovias, plataformas de petróleo e grandes indústrias – que interferem ou destroem os *habitats* naturais – a presença de espécies ameaçadas de extinção na área onde o empreendimento será construído exige das empresas medidas especiais de proteção ambiental.



O que é uma espécie da fauna ameaçada de extinção?

Bicho que existe em um número pequeno de indivíduos e, por isso, corre grande risco de desaparecer na natureza em futuro próximo, se nada for feito para sua proteção. Para saber se uma espécie está ameaçada de extinção, é preciso fazer muitas pesquisas sobre o ciclo de vida dela, conhecer o tamanho da sua população, o tamanho da área que ocupa para sobreviver, como se reproduz e cuida dos filhotes, do que se alimenta, como se relaciona com outras espécies e as atividades humanas que podem prejudicar a sua sobrevivência.

Entre 1910 e o final dos anos 60, o carioca *Eurico de Oliveira Santos* (1883-1968) foi um entusiasta divulgador da fauna brasileira. Em seus livros, apresentou a natureza de um jeito fácil de entender, sem abrir mão do rigor da ciência.



Quais são as espécies que fazem parte da fauna silvestre brasileira?

A fauna silvestre brasileira é formada pelo conjunto de todos os animais pertencentes às espécies nativas – aquelas próprias do Brasil (por exemplo, o pato-mergulhão, a jararaca-ilhoa e o boto-vermelho) – e migratórias (como as tartarugas marinhas, a baleia-azul ou diversas aves que visitam nossas terras e ares em determinadas épocas do ano), que tenham todo o seu ciclo de vida ou parte dele (por exemplo, reprodução e alimentação) ocorrendo no território ou nas águas jurisdicionais do Brasil. As águas jurisdicionais brasileiras são os rios, lagoas, barragens e uma faixa do mar com mais ou menos 320 km de largura a partir das praias.



Quantas listas nacionais de espécies da fauna ameaçadas de extinção já foram publicadas?

A primeira lista foi elaborada em 1968 e tinha 44 espécies. A segunda, publicada em 1989, tinha 206 espécies, sendo sete consideradas extintas na natureza. A terceira foi publicada em 2004, com 627 espécies (69 mamíferos, 160 aves, 20 répteis, 16 anfíbios, 154 peixes, 130 invertebrados terrestres e 78 invertebrados aquáticos). Em 2014, o Ministério do Meio Ambiente publicou a nova Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção com 1.173 espécies (110 mamíferos, 234 aves, 80 répteis, 41 anfíbios, 233 invertebrados terrestres, 409 peixes e 66 invertebrados aquáticos).

O aumento no número de espécies a cada nova lista é explicado pelo desenvolvimento de novas pesquisas científicas sobre a fauna brasileira e pelas atividades humanas que destroem ou transformam os *habitats* naturais, prejudicando a sobrevivência dos bichos. Enquanto algumas espécies, que não haviam sido estudadas antes, entraram na Lista, o aumento do conhecimento, a educação ambiental e o sucesso das ações de proteção fizeram com que 170 saíssem da última (por exemplo, a baleia-jubarte e a arara-azul-grande).

Nascido em Santa Teresa, cidade que abriga o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, *Augusto Ruschi* (1915-1986), Patrono da Ecologia no Brasil, dedicou boa parte da sua vida às ciências naturais. Foi um grande pesquisador dos beija-flores.



Como é feita a Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção?

A Lista é organizada a partir de um estudo chamado de Avaliação do Risco de Extinção da Fauna Brasileira. Durante cinco anos, quase mil zoólogos pesquisaram na literatura científica informações sobre 12.256 espécies da fauna silvestre brasileira. A partir dessas pesquisas, os cientistas elaboraram mapas de distribuição geográfica, um para cada espécie. Esses mapas mostraram onde cada bicho pode ser encontrado na natureza, inclusive se estão protegidos em alguma unidade de conservação. Depois, os cientistas estudaram o tamanho da população de cada bicho, se estava pequena ou grande, se aumentou ou se diminuiu nos últimos anos, se os indivíduos estavam concentrados em uma região ou isolados em grupos menores por causa do desmatamento. Por último, os cientistas investigaram quais atividades humanas ameaçam a sobrevivência dos bichos.

Quanto mais informação e conhecimento existir sobre um bicho, mais fácil avaliar se ele corre risco de extinção!

Entre 2004 e 2014, os pesquisadores reclassificaram o uacari-branco *Cacajao calvus* de **VU** para **LC** e a perereca *Bokermannohyla izecksohni* de **CR** para **DD**. Por isso, ambos não constam na Lista publicada em 2014.



Categorias de risco de extinção

A União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN), organização que reúne cientistas do mundo todo, classifica as espécies ameaçadas em nove categorias de risco de extinção: **EX** Extinta, **EW** Extinta na natureza, **CR** Criticamente em perigo, **EN** Em perigo, **VU** Vulnerável, **NT** Quase ameaçada, **LC** Menos preocupante, **DD** Dados insuficientes e **NE** Não avaliada.

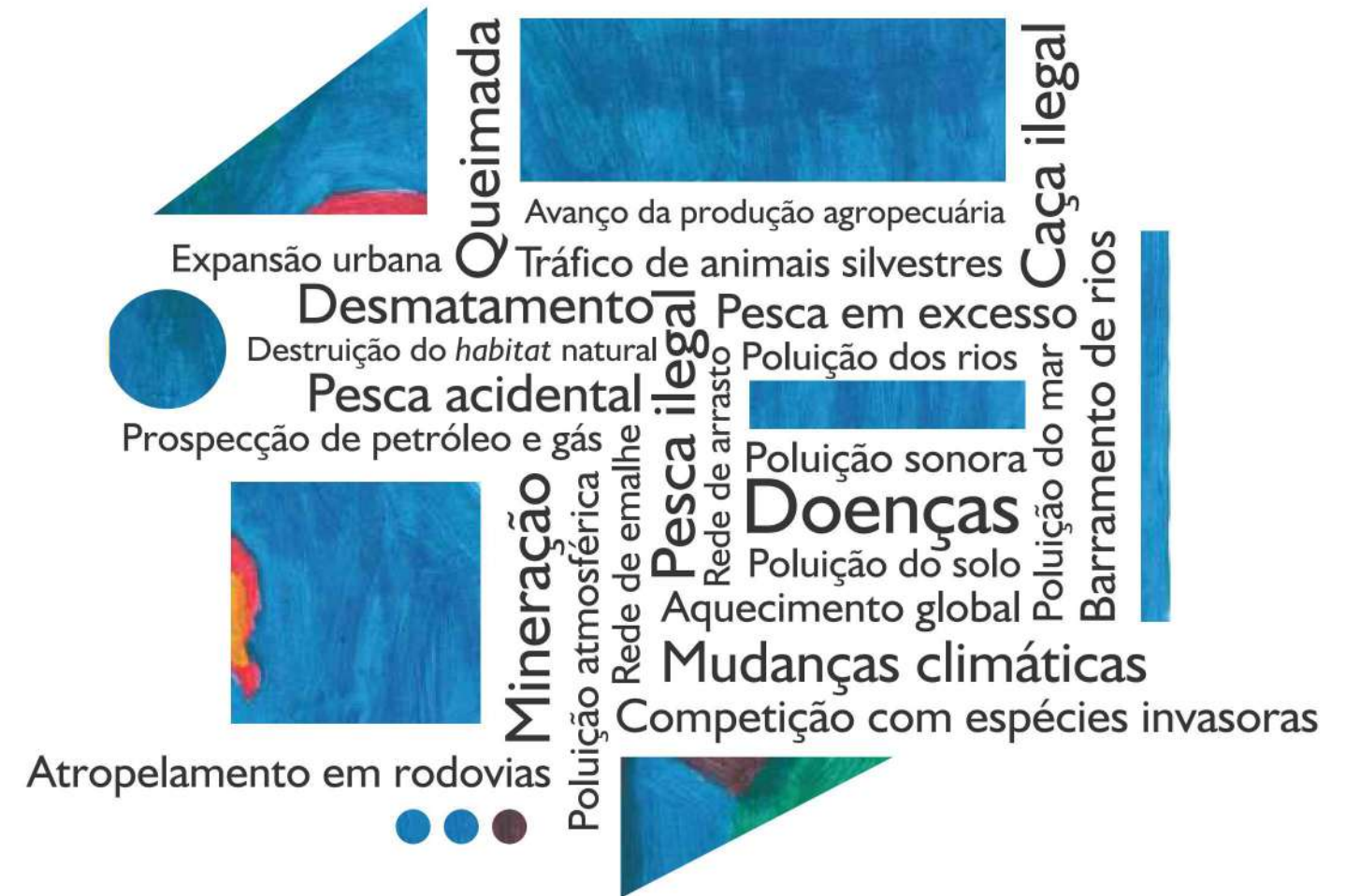
No Brasil, a Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção engloba as espécies classificadas nas categorias EW, CR, EN e VU.

- EW** Quando há indivíduos vivendo apenas em cativeiro ou vivendo na natureza, mas em ambiente diferente do seu *habitat* original, fora da sua área de distribuição e ocorrência natural.
- CR** Risco extremamente alto de extinção na natureza. CR/PEX quando possivelmente extinta e CR/PEW quando possivelmente extinta na natureza.
- EN** Risco muito alto de extinção na natureza.
- VU** Risco alto de extinção na natureza.





Quais são as principais ameaças à extinção das espécies da fauna?



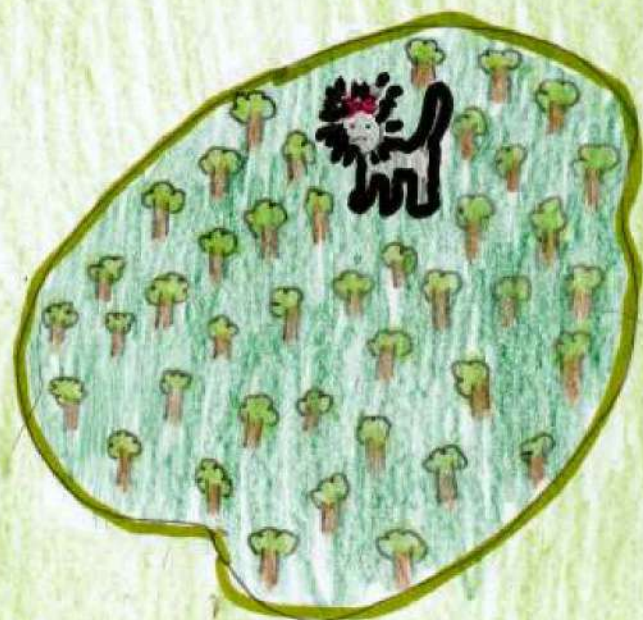
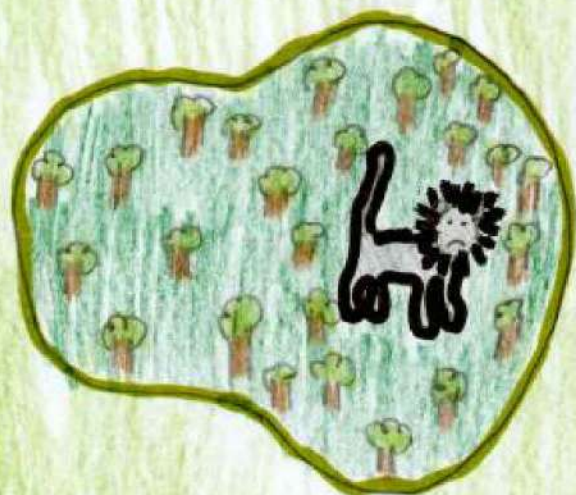


O que é um Plano de Ação?

O Plano de Ação é um livro que reúne informações sobre a espécie ameaçada de extinção, sobre as ameaças à sua sobrevivência, bem como um conjunto de estratégias ou ações que devem ser feitas em certo período de tempo, a fim de proteger a espécie e preservar seu *habitat* natural, para que ela deixe de ser considerada ameaçada de extinção e saia da Lista.

O Plano de Ação pode ser feito para uma única espécie (por exemplo, Plano de Ação Nacional para a Conservação da Ararinha-azul) ou para um conjunto de espécies que ocorrem em uma mesma região, ecossistema ou bacia hidrográfica (por exemplo, Plano de Ação Nacional para a Conservação de Espécies Ameaçadas da Fauna Aquática do Rio São Francisco). Muitas vezes, uma ação de proteção para uma espécie acaba beneficiando muitas outras que convivem no mesmo ecossistema.





Como salvar os animais da extinção?

p c o r r e d o r e s e e c o l o g i c o s b c p
 a o x c e d u c a ç ã o a m b i e n t a l x o r
 s m f o l p a l t z i o b g e p s l q c s z m o
 s b i m u c m b t r j a z r p h a f m v n u b g
 a a s b n x a r l e i s d e p r o t e ç ã o a r
 g t c a i t d e t j p s e q r x c a m a x z t a
 e e a t d a e p e g i z s m o f q m b r l a e m
 m r l e a s i r x p m s p x t z r a o e ç d r a
 d a i r d p r o t e ç ã o d e b e r ç a r i o s
 e s z a e m a d x s n f l r ç x f a v s a r t d
 f o a c s b c u r q l c u t â x l n x p j e r e
 a b ç a d t e ç z u â u i j o q o a n r p s a r
 u r â ç e v r â g i o f r n d b r t a o e p f e
 n e o a c g t o z s l n o i o ç e u x t s e i i
 a e a i o r i e b a g u s q s a s r i e c i c n
 e x m l n d f m u r s h r j c z t e q g a t o t
 m p b e s e i c i a x b i n o r a z u i l a d r
 r l i g e s c a x f v h o e r j r a b d e r e o
 o o e a r p a t m a l r s o a g n q t a g o a d
 d t n l v q d i j u q m a v i o t r z s a d n u
 o a t x a m a v o n i g v r s l q ç b i l e i ç
 v ç a u ç h v e m a t a s c i l i a r e s f m â
 i â l v â z q i o d j m l â o u r s b l a e a o
 a o a q o m u r d e s p o l u i r o m a r s i x
 s z f p l a n o s d e a ç ã o m z i e n t o s z
 m s i n a l i z a ç ã o n a s r o d o v i a s b

Encontre 25 expressões ou palavras. Resposta no verso da aba.



Você sabe o que é uma espécie bandeira? E uma espécie guarda-chuva?

Espécie-bandeira é um bicho usado para promover a educação ambiental e a conservação da natureza. Ela é tão carismática que acaba virando celebridade, propiciando reflexões da sociedade sobre as relações entre os seres humanos e o meio ambiente. Os donos de terra passam a proteger as matas e a reflorestar suas propriedades para que possam abrigar a espécie-bandeira, beneficiando, por tabela, outras espécies menos conhecidas. A comunidade de humanos que vive próxima ao *habitat* da espécie-bandeira pode ganhar dinheiro vendendo *souvenirs* e promovendo o ecoturismo. O mico-leão-dourado é a espécie-bandeira mais famosa.

Já a espécie guarda-chuva é um bicho cuja proteção na natureza resulta na conservação de outras espécies. Geralmente são grandes animais, como a onça-pintada, que necessitam de extensas áreas para encontrar água, alimento, abrigo e outros indivíduos da sua espécie para reproduzir. Suas necessidades são maiores e, como um guarda-chuva, cobre as necessidades de muitas outras espécies que ocorrem no mesmo *habitat*.





O que é uma espécie endêmica?

Quando uma espécie só ocorre naturalmente numa área geográfica restrita, ela é chamada de endêmica. O endemismo pode se referir a uma área relativamente pequena, como um trecho da Serra do Cipó, em Minas Gerais, ou a uma área grande, por exemplo, o bioma Caatinga. Comparada a uma espécie “não endêmica” — que ocorre em uma grande área (como o bem-te-vi, encontrado em todos os biomas do Brasil) —, o tamanho da população da espécie endêmica é menor e, às vezes, tão pequena que ela é considerada uma espécie rara. Por exemplo, o mico-leão-dourado é endêmico da Mata Atlântica porque só pode ser encontrado nesse bioma. A sua população é pequena e só pode ser encontrada no Estado do Rio de Janeiro, em nenhum outro lugar do planeta. A ararinha-azul-de-lear é endêmica da Caatinga. O peixe-boi de água doce é uma espécie endêmica da Amazônia.



Bichos da Amazônia

“Do ponto de vista da investigação zoológica, compreende-se que tais massas d'água, fluindo por uma grande planície, tornem-se divisores da fauna e que, por conseguinte, haja raças distintas de uma mesma espécie, ou espécies distintas, mas correspondentes, nas margens de um mesmo rio. Não é raro assim que na margem esquerda do Tapajós encontrem-se formas de aves e mamíferos distintas das que estão na margem direita. Para os animais aquáticos, como o boto, o peixe-boi e certas tartarugas, os grandes rápidos são com frequência limites de expansão. Os animais ficam impedidos por eles de subirem do Amazonas para as regiões das nascentes dos seus tributários.”

Tukani
Helmunt Sick





araçari-de-pescoço-vermelho

Pteroglossus bitorquatus

Na aula, a professora Araci fala aos filhotes de tucano, araçari e saripoca sobre alimentação:

— Não acreditem em tudo que veem na TV! Lá, a gente só aparece comendo mamão e quase nunca em meio à floresta Amazônica, o verdadeiro restaurante das aves!

— Você está falando da grande variedade de árvores frutíferas na mata, professora, como a embaúba?

— Claro! A floresta nos oferece centenas de frutos. A embaúba que você citou produz frutos alongados, doces, ricos em energia e deliciosos para muitas aves.

— Professora, o que dizer para quem acha que é uma grosseria vomitar o que comemos?

— Na verdade, às vezes regurgitamos os alimentos. Fazemos isso para alimentar nossos filhotes ou para expelir as sementes dos deliciosos frutos que engolimos. Esse nosso hábito é importantíssimo para espalhar as sementes pela floresta, principalmente as maiores de árvores maiores. Como se um humano abocanhasse um pedaço de melancia e cuspsse as sementes. Entenderam? Bem, na próxima aula, ensinarei a diferença entre semeadores e dispersores de sementes. Agora, podem ir para casa!

No Brasil, existem 22 espécies da família Ramphastidae, aves com bicos enormes, leves, resistentes e multicoloridos. Alimentam-se de insetos, pequenos anfíbios, ovos e ninhegos de outras aves e, principalmente, de frutos.



ararajuba

Guaruba guarouba

No meio da noite, no oco de um angelim, a 30 metros de altura, dois filhotes de ararajuba, ainda sem penas, conversam sem a presença dos pais:

— Messi, Messi... Messi!!! Acorda, irmão!

— Craaá! Que susto, Neymar! O que foi?

— Craaá! Você estava todo agitado, se mexendo pra todo lado aqui no ninho. Acordei com você me chutando a asa direita. Era um pesadelo?

— Não sei. Mas foi um sonho esquisito: eu sobrevoava um imenso campo verde e minhas penas eram azuis e brancas.

— Faz sentido, irmão. A gente mora no Pará e você sonhou que vestia as cores do Paysandu.

— Será que não eram as cores da Argentina?!

— De um jeito ou de outro, papai disse que a gente vai vestir amarelo-ouro e verde-bandeira pro resto da vida.

— Mas eu também gosto de azul e branco.

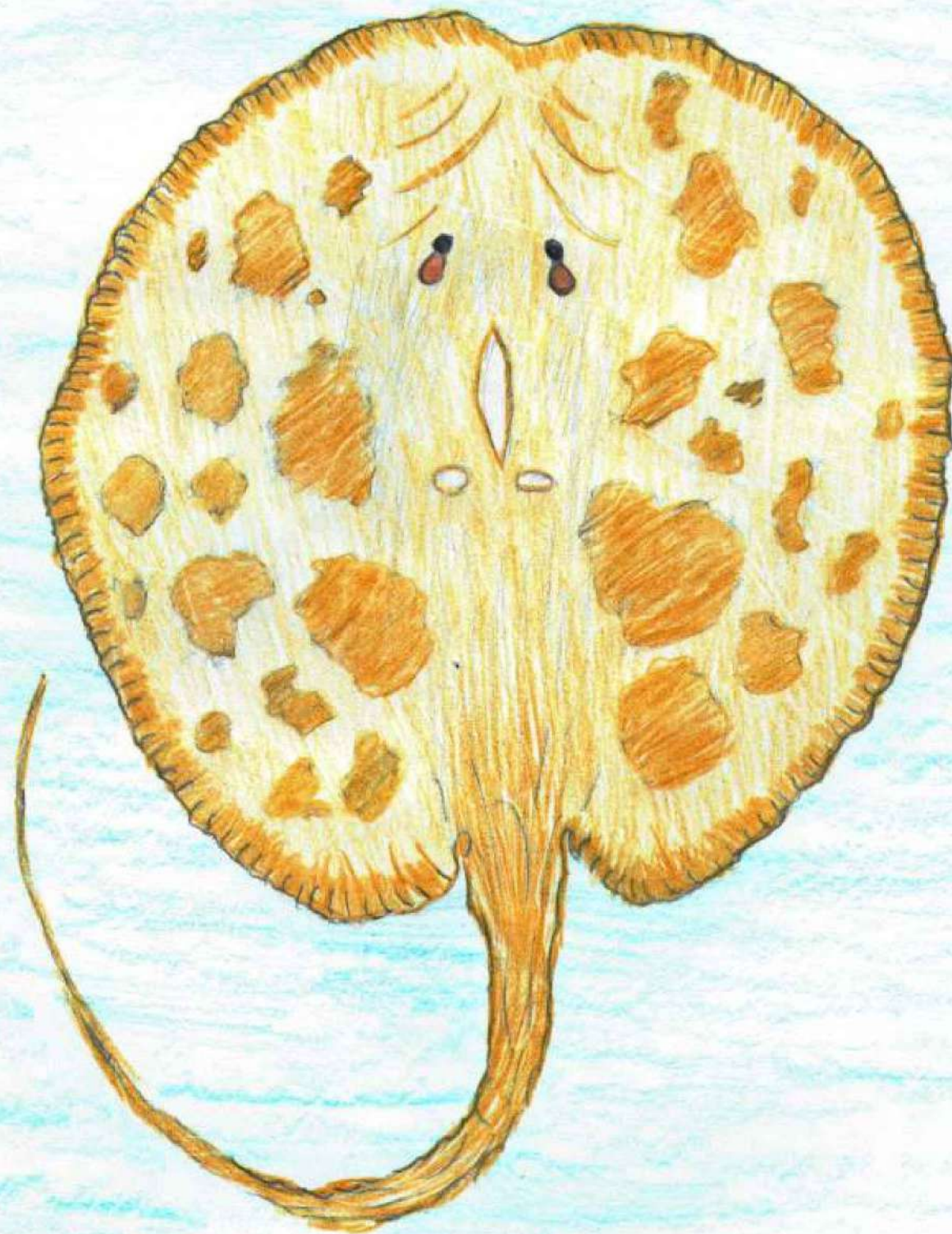
— Messi, eu sei por que você também gosta dessas cores!

— Por que, Neymar?

— Fácil: verde, amarelo, azul e branco são as cores da bandeira do Brasil!

E nós somos um dos símbolos do país!!!

‘Araraíuba’ significa “grande papagaio amarelo”.
Vivem em pequenos bandos e são muito cooperativas.
Alimentam-se de sementes, frutos oleosos, frutas e flores.



arraia-aramaçá

Paratrygon aiereba

Tem gente que diz que o nome é raia. Tem gente que diz que o nome é arraia. Tem gente que diz que é arraia-disco. Tem gente que diz que é arraia-aramaçá. Tem gente que diz que sou parente de tubarão. Tem gente que diz que sou a maior arraia (ou raia) do continente americano. Tem gente que diz que meu ferrão é perigoso. Tem gente que diz que só uso o ferrão para me defender. Tem gente que diz que posso pesar até 100 quilos. Tem gente que diz que, vista de cima, sou marrom com manchas. Tem gente que diz que me encontra na Bacia Amazônica. Tem gente que diz que eu vivo na Bacia do Tocantins-Araguaia. Todo mundo tem razão. Faltou apenas alguém dizer que sou um dos peixes de água doce mais bonitos do Brasil.

Alimenta-se de peixes, crustáceos e insetos. Apesar da gestação de nove meses, os filhotes (dois por vez) só nascem a cada dois anos. A pesca (esportiva e comercial) e a poluição das águas, principalmente pela mineração, ameaçam a sobrevivência das arraias.

CR



cuíca-de-colete

Caluromysiops irrupta

Definitivamente, os humanos se acham demais! Vivem imitando outros animais.

De tanto verem as aves, inventaram a asa-delta. E o cilindro de ar-comprimido para se sentirem como um peixe na água. Apesar de tantas invenções, a cada dia surgem outras mais. Por exemplo, a moda agora é imitar os marsupiais: carregar seus filhotes bem juntinho ao corpo nos primeiros meses de nascido. Os humanos não fazem igual! Mas é bem parecido.

Porém, eles não entram em acordo. Pra nosso espanto, em cada canto tem um tipo e um nome diferente pro seu carregador de bebê-gente. Na nossa espécie, ninguém complica: carregamos os bebês-cuícas no marsúpio.

Uma única cuíca-de-colete foi capturada em 1964, em Rondônia, em uma região atualmente desmatada. Provavelmente, está extinta no Brasil, mas ela ainda existe nas florestas do Peru.

O marsúpio é uma bolsa formada por uma dobra da pele da barriga das fêmeas dos animais marsupiais. Ele esconde as mamas e serve de abrigo para os filhotes, que nascem prematuros e completam o seu desenvolvimento dentro do marsúpio.



peixe-boi-da-amazônia

Trichechus inunguis

É estranho o meu nome. Pois não sou peixe. Embora viva na água doce dos rios, vou à superfície para respirar. Tampouco sou boi. Embora, como um boi, me alimente de plantas e raízes – mas só das aquáticas. Nada disso me faz um peixe ou um boi. A única parte certa do nome pelo qual sou mais conhecido é o sobrenome: da Amazônia. Pois sim, vivo na Bacia Amazônica.

Você deve saber que existem outros três peixes-bois. Sou o menor deles. Chego, no máximo, a três metros de comprimento. Pois saiba que somente a minha espécie tem uma mancha branca na barriga – para dar mais charme à minha cor acinzentada.

Ah, quase ia esquecendo: também não tenho unhas nas nadadeiras peitorais, como ocorre em outros peixes-bois. Daí os zoólogos me chamarem de *inunguis*, que significa “sem unhas”.

Por tudo isso, acho que sou o mais bonito. Mais charmoso. Apesar do nome estranho.

É um dos mamíferos da fauna brasileira mais caçados. As fêmeas prenhas ou amamentando o recém-nascido, por serem mais gordas e fornecerem maior quantidade de banha (gordura), são o principal alvo dos arpões e redes dos caçadores.





sauim-de-coleira

Saguinus bicolor

Numa mata próxima a Manaus, uma dupla de sauíns-de-coleira se aproxima da mãe e diz:

— Hoje saímos para comer uns frutos e assistimos a uma aula sobre alimentação – disse um.

— Foi mesmo! Um bando de aves bicudas ouvia atentamente a professora Araci, também bicuda, que acabara de chegar das matas de Belém – disse o outro.

— Aprendemos que nós e aquelas aves temos uma coisa em comum – disse um.

— Todos somos dispersores de sementes – disse o outro.

— E alguns animais podem ser chamados de semeadores – disseram os dois.

— Dispersores são os que expõem as sementes que comeram junto com a polpa dos frutos. Essas sementes caem no chão quando esses animais fazem cocô. A semente já cai na terra adubada, o que facilita a germinação – disse um.

— Semeadores são também dispersores, mas enterram as sementes de propósito. A cotia, por exemplo, enterra as sementes para comer depois. As que ela esquece enterradas, florescem na mata virando novas árvores – disse o outro.

— E viemos dispersando sementes de lá até aqui! – disseram os dois.

O sauí só existe na floresta ocupada pela região metropolitana de Manaus. O desmatamento para expansão da cidade e agricultura ameaça a sua sobrevivência.
#sossauim #planteavoresecolhasauins

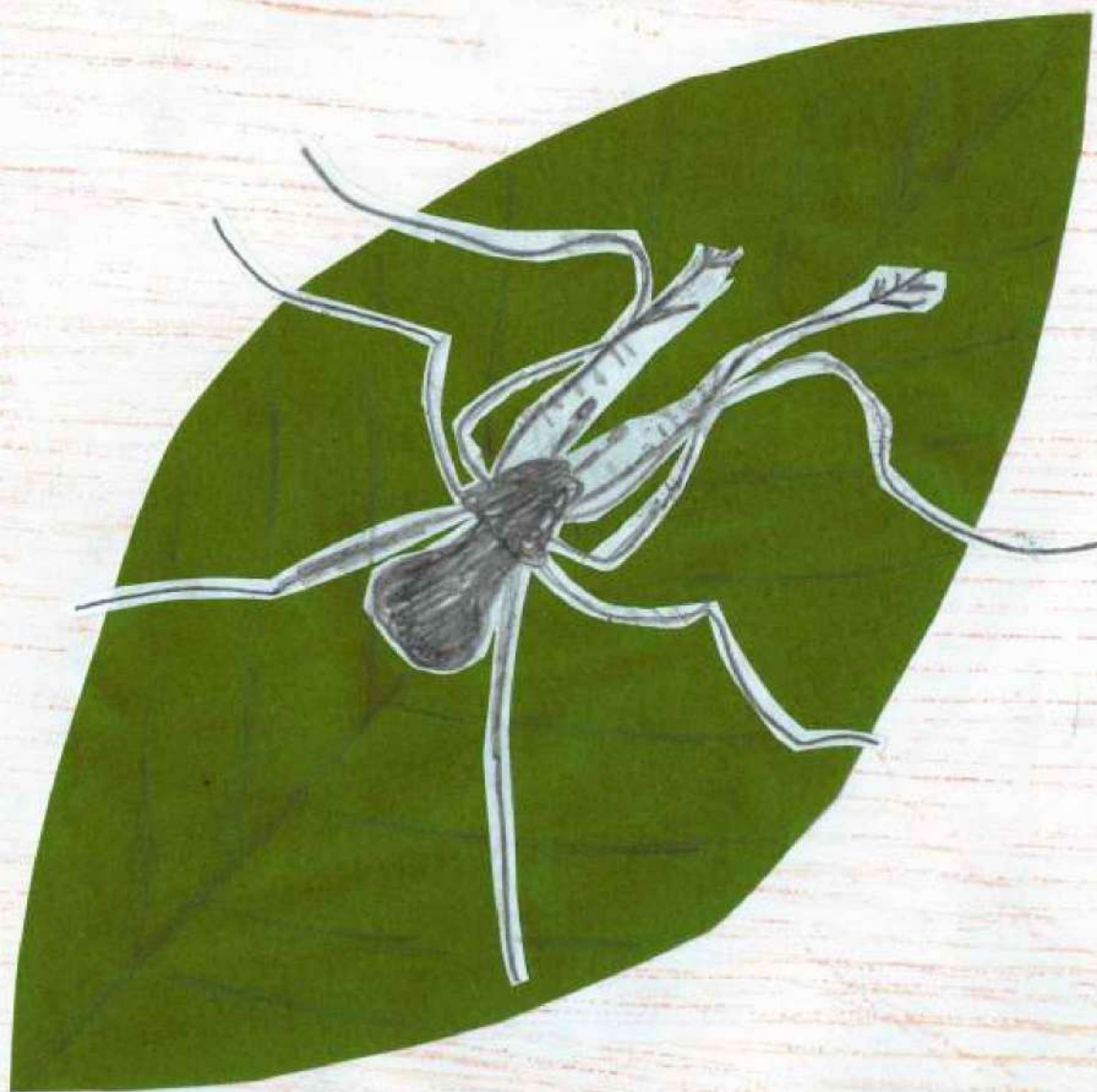


Bichos da Caatinga

“O sofreu e a patativa
Com o canaro e o campina
Tem canto que me cativa,
Tem musga que me domina,
E inda mais o sabiá,
Que tem premêro lugá,
É o chefe dos serestêro,
Passo nenhum lhe condena,
Ele é dos musgo da pena
O maiô do mundo intêro.

Eu escuto aquilo tudo,
Com grande amô, com carinho,
Mas, às vez, fico sisudo,
Pruquê contra os passarinho
Tem o gavião maldito,
Que, além de munto esquisito,
Como iguá eu nunca vi,
Esse monstro miserave
É o assarsino das ave
Que canta pra gente uví.”

O sabiá e o gavião
Patativa do Assaré
(Antônio Gonçalves da Silva)



aranha-chicote

Charinus troglobius

Antenada, a aranha-chicote filosofa consigo mesma:

“Gosto da caverna. Gosto do escuro. Gosto de ficar aqui. É a minha casa.

Vez em quando uma luz fura as brechas na rocha e vejo sombras desconhecidas. Mas pouco sei do mundo iluminado. Sei de mim. Sou uma aranha-chicote. Disso eu sei. Duas das minhas pernas se parecem com chicote... É o que dizem, mas nunca vi um. Elas não servem para andar, e sim para me ajudar a sentir as coisas ao meu redor. É como eu enxergo o mundo, apesar dos meus oito olhos. Pois é isso mesmo. Tenho oito olhos que não enxergam direito. Vejo melhor com duas das minhas pernas que são como sensores. E embora eu tenha oito pernas, ando somente com seis. Parece estranho? Parece nada! É estranho. Talvez por isso mesmo eu goste da caverna. Do escuro. De ficar aqui em minha casa.”

Descoberta na Gruta do Zé Bastos, na Serra do Ramalho, Bahia, a aranha-chicote só existe na região de cavernas do Boqueirão, que tem apenas 20 km² de área.



ararinha-azul

Cyanopsitta spixii

Os galhos secos das caraibeiras recortam o vento quente da Caatinga, na Fazenda Concórdia, em Curaçá, na Bahia. Lá, o céu azul anda meio desbotado.

Enquanto isso, em Avaré, São Paulo, num criadouro especializado, um casal de ararinhas-azuis conversa, enquanto outro – que acabou de chegar da Alemanha – namora à distância.

— Krá! Marara, hoje você está mais bonita. O que aconteceu? Foi o teste de gravidez?

— Foi, Araraújo. Krá, Krá! Deu positivo, meu amor! Você vai ser papai! Desde que trocamos as anilhas e casamos no estrangeiro que eu sonho em te dar essa notícia!!!

— Poxa, vida. Krá-ark! Se podemos ter filhotes é quase certo que em breve a gente vai se mudar para a Bahia e viver na Fazenda Concórdia, em liberdade. E lá dizem que vão criar uma unidade de conservação para proteger a nossa espécie.

— Kra-á, Araraújo. Tenho certeza que a Araracy e o Azulay também vão comemorar. Afinal, estamos os quatro grávidos, felizes e loucos para conhecer a Bahia!

Enquanto isso, em Curaçá, ronda a esperança de que o céu possa ficar ainda mais azulado com o voo das ararinhas-azuis.

Endêmica do sertão da Bahia e de Pernambuco, provavelmente a ararinha-azul está extinta na natureza desde 2000, quando a última desapareceu. Existem menos de 100 ararinhas em cativeiro, a maioria fora do Brasil.





macaco-prego-de-peito-amarelo

Sapajus xanthosternos

A expedição científica avança pela Serra de Itabaiana para registrar o que ainda resta da Caatinga sergipana.

— O povo de Areia Branca acredita que existe um bezerro de ouro aqui no alto da Serra. Será que vamos encontrá-lo, Adelmar? Ha! Ha! Ha!

— Para de me distrair com essas lendas, Alcides! Faça silêncio.

Os primatólogos estão ali para ver – e clicar – o raro macaco-prego-de-peito-amarelo.

— Adelmar, por que o macaco-prego tem medo de entrar no mar?

— Porque tem medo de encontrar o tubarão-martelo! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha!

Essa piada é velha, Alcides.

De repente, ouve-se um guincho e o farfalhar de folhas no balançar dos galhos na floresta seca:

— Olha lá, Alcides! Olha lá, perto daquele arbusto espinhoso!

— Veja os pelos amarelos no peito e na parte anterior dos braços e da cabeça.

Não há dúvida, é um grupo de *Sapajus xanthosternos*. Estão utilizando pedras para quebrar cocos. Esse comportamento nunca foi observado antes. Fantástico!

— Estou fotografando, estou fotografando tudo, Adelmar!

E os cientistas voltam ao silêncio, enquanto a câmera registra a vida que pulsa na Caatinga.

O Brasil é campeão mundial de primatas: são 116 espécies reconhecidas pela ciência. Infelizmente, indivíduos de muitas espécies ainda são caçados para alimentação ou traficados e vendidos como animais de estimação.



papa-vento-da-chapada

Enyalius erythroceneus

Em um campo rupestre da Chapada Diamantina, sobre o galho de uma canela-de-ema, um casal de grilos estridula:

— Cri, crii, criii, criiii... Criiiiistina, acho que estamos seguros.

— Mas cri... crii... criii... Criiiiistóvam, estou grilada! Não consigo relaxar. Dizem por aí que o papa-grilo-da-chapada sabe se esconder bem nos arbustos e tem um jeito agitado, furioso. Vi quando um gavião-pomba tentou capturar um. É melhor a gente ficar de olho!!!

— Cri, crii, criii, criiii... Criiiiistina, o nome correto do nosso predador é papa-vento-da-chapada e, sim, é preciso ficar de olho nesse lagarto, é preciso cuidado, pois ele tem uma tal de coloração críptica em que combina sua cor com a do ambiente onde vive, ficando bem parecido com as cascas das árvores, ou folhas, ou troncos, ou pedras. Se você vir algo suspeito, me avise.

...

— Cris?

...

— Cri... crii... criii... Criiiiistinaaaaaa!!! Cadê vô...

Alguns lagartos machos inflam o papo para chamar a atenção das fêmeas ou para marcar o seu território. Eles dão a impressão de papar um “pedaço de ar” para encher o papo. Daí o nome papa-vento.



periquito-cara-suja

Pyrrhura griseipectus

Do alto da sua caixa-ninho, no Maciço de Baturité, Peri, o periquito-cara-suja, parece não acertar o trava-língua proposto pelo amigo cearense:

- Fala, Peri: casa suja, chão sujo!!!
- Cara suja, tá sujo! – diz o periquito!
- Cara suja é você! – brinca o biólogo! — vamos, repete, Peri: casa suja, chão sujo!!!
- Cara suja, tá sujo! – diz o periquito olhando para o amigo!
- Poxa, você não acerta mesmo! Vou desistir!
- Eu acerto – disse o periquito!
- Então diz aí: casa suja, chão sujo! – o biólogo insiste na brincadeira!
- Cara suja, tá sujo! – a ave repete a seu modo.
- Poxa, você não acerta uma única vez?
- Eu acerto – disse o periquito! — E mais de uma vez. É que enquanto você escalava o paredão para chegar aqui, fiz cocô no seu chapéu. Por isso digo: cara suja tá sujo!!!

E na mata, um som parecido com uma risada de periquito ecoa breve no ar.

O tráfico de animais e o desmatamento são importantes ameaças à conservação dos Psittaciformes (araras, maracanãs, periquitos e papagaios). A distribuição de ninhos artificiais (caixas) nos *habitats* alterados é uma estratégia de conservação eficiente.



soldadinho-do-araripe

Antilophia bokermanni

Eu acho que fui um peixe no tempo dos dinossauros. Só pode! Se não, como explicar um passarinho que goste tanto de água como eu? Água limpa, cristalina. Pois sim, eu vivo nos buritizais e matas ciliares do vale do Cariri, no sul do Ceará, onde o verde faz fronteira com a caatinga, como um oásis no meio do deserto. E sobrevivo enquanto há nascentes brotando, aqui e acolá, do aquífero da região. Eu voou, danço, canto e encanto com minhas três cores. Sou vermelho, branco e preto e uso um imponente topete sobre o bico. Mas a minha única companheira não é colorida como eu, ela é da cor verde-oliva. E sou maluco por água, como cearense é por tapioca. Tomo banho pelo menos duas vezes por dia. De manhãzinha e no final da tarde. Uns até me chamam de lavadeira-da-mata. E faço meu ninho em galhos de árvores sobre os córregos, bem pertinho d'água. Na verdade, é minha companheira quem o faz sozinha, para depois depositar dois ovos. Às vezes, nem eu acredito que gosto tanto de água. Não é uma questão de sede. Nem sei se tem uma razão. A única explicação é aquela lá de cima. Pois aqui na região há muitos fósseis de animais pré-históricos. Mas nunca ninguém encontrou o fóssil de um soldadinho-do-araripe. Por isso, eu acho que fui um peixe no tempo dos dinossauros.

Descoberto pela ciência em 1996, o soldadinho é uma das aves mais ameaçadas de extinção no planeta. Endêmico da Chapada do Araripe (CE), habita as matas ciliares e alimenta-se principalmente de frutos. Sua sobrevivência depende da conservação das fontes de água.

CR



tatu-bola

Tolypeutes tricinctus

— Manhêêêêêê... onde tá tu?

— Tô aqui na sombra do juazeiro, Bolinha. Tá tudo bem?

— Não! Não tá nada bem.

O pequeno Bolinha reclama com a mãe, pois queria cavar buracos e andar nos subterrâneos como o grande tatuauçu.

Sua mãe, mais uma vez, diz ao miúdo que os tatus-bolas não fazem nada disso. E insiste em convencê-lo de que é melhor ser como é, andando por aí, *fashion* com seus três cintos, brincando de Transformers, virando e desvirando uma bola na hora que quiser.

— Já te disse, Bolinha, alguns tatus cavam suas tocas. Nossa espécie, porém, mora nas casas dos outros. Cada tatu dotado do seu talento. Assim, tá tudo do jeito que a natureza gosta. E vem cá que eu preparei uma pratada de cupim com terra!

Para proteger as partes mole do corpo ou se esconder dos predadores, o tatu-bola, que só existe no Brasil, curva sua carapaça ficando no formato de bola.

Em 2015, o estado de Pernambuco criou a unidade de conservação Refúgio de Vida Silvestre Tatu-bola, para proteger e conservar as espécies raras, endêmicas e ameaçadas de extinção da Caatinga.



“O nosso sertanejo é muito supersticioso, daí os arrepios de muitos quando ouviram, esta madrugada, um lobo que passou uivando bem perto do acampamento. Há uma lenda no sertão, em que muitos creem: ‘Quem quiser conquistar o que quer que seja, basta olhar a coisa desejada através do olho do lobo’. É coisa certa; não há como fugir! Daí, na hora do café, o rompante de alguns que, dormindo, nada ouviram.

— Si tô acordado, pode crê que esse lobo essa hora tava sem os óio.

— Tava nada, sô, tiro nesse bicho num acerta.

Os cachorros é que ficaram apavorados com o uivo do lobo. Os mais patifes chegaram quase a se enfiar no fogo da cozinha.”

A marcha para o oeste
Orlando Villas Bôas e Cláudio Villas Bôas





fadinha

Nirodia belphegor

No céu mineiro, em janeiro,
Paira uma dúvida no ar.
Borboletas-machos
Azuis, bem azuizinhas,
Pousam no chão e abrem suas asas.
Dizem por lá que é tempo de amar.
Ninguém sabe ao certo
Se, com esse gesto,
Convidam as borboletas-fêmeas
Para verem um espelho do céu no caminho
Ou se desenham um mar
Que logo vira um redemoinho.

Vive em altitudes acima de 1.200 m, nos campos rupestres da Serra do Espinhaço. É uma borboleta tão rara que só foi vista quatro vezes pelos zoólogos.

CR



caboclinho-do-sertão

Sporophila nigrorufa

Diria o atento pantaneiro:

“Lá vem o bando de caboclinhos-do-sertão!

Chegam aqui em Campos do Encanto em busca de boa comida, pois adoram nossas sementes de capim.

Essas pequeninas aves enchem nosso céu azul com suas cores preta e ferrugem, deixando no ar seu belo canto que parece dizer a outras aves: 'Chegamos, pessoal! Agora esse pedaço do paraíso é nosso!'

E ficam na região por um tempo. Dizem até que é para namorar. Mas, de certo, essas histórias ainda não passam de suposições. Certo mesmo é que, assim como essa nossa conversa finda, termina também o tempo dessas aves aqui no Pantanal. Elas têm comportamento migratório. Ficam aqui e ali. Será que fogem do frio? Por isso, não vá estranhar se um dia, ao ver o céu azul permeado de pequenas aves de cores preta e ferrugem, o pantaneiro afirmar: lá vai o bando de caboclinhos-do-sertão!”

Espécie rara, seu comportamento ainda é pouco conhecido. Não se adapta às paisagens naturais transformadas pelo homem. Mede apenas 10 cm e seu canto melodioso é uma sequência de quatro, às vezes seis, notas assoviadas.



calango-que-vira-cobra

Heterodactylus lundii

Eu não entendo bem esse papo de evolução. Fico aqui à sombra de troncos, raízes, pedras, meio que escondido pra ninguém me ver enquanto espero a tal da evolução chegar. E ela não chega. Enquanto isso, ficam me chamando de tudo que é nome: cobrinha, cobra-de-vidro, calango-que-vira-cobra... Sim, é o meu disfarce. Mas que posso fazer? A tal da evolução não veio completa pra mim. Pelo menos é o que eu acho quando vejo a minha cauda com duas vezes o tamanho do meu corpo. E as minhas patas, então, tão pequeninas. O que me resta é imitar as cobras. Nisso eu sou bom. Escondo quase tudo e deixo a cauda à mostra. Dou uma mexidinha e pronto. Muitos correm com medo. Eu devia ser ator. Isso mesmo. Ator. Já que quase ninguém me chama de lagarto, eu poderia ser ator. Faria bem o papel de cobras e serpentes. Eu ficaria demais com alguns efeitos especiais. Por isso, enquanto não vem a tal da evolução, quem sabe eu fique mais bonito na televisão?!

Vive nos campos rupestres e topos das chapadas de Minas Gerais, escondido entre troncos, raízes, folhagem, cupinzeiros ou pedras. Bota dois ovos a cada reprodução.



cara-dourada

Phylloscartes roquettei

No Brejo do Amparo, em Minas Gerais, próximo às margens do São Francisco, um casal de passarinhos dança entre os galhos de uma aroeira.

— Minha Cara, o que você acha desse galho? Parece perfeito para construirmos nosso ninho!

— Ô Cara, querido. Sim, parece perfeito. A madeira é resistente, o galho está a uma boa altura do chão, onde recolheremos material para o ninho, e a árvore, com suas folhas ainda verdes – apesar da estiagem – abriga muitos insetos. Não passaremos fome!

Decidido o local, o casal de caras-douradas inicia a construção do seu ninho em forma de globo. E dançam do galho pro chão, do chão pro galho, lembrando a todos que vida de passarinho também dá trabalho.

Endêmico do Brasil, pequenas populações – isoladas entre si pelo desmatamento, incêndios e pastagens – ocorrem nas florestas de galeria e de matas secas, dentro de uma área de 500 km² que abrange Minas Gerais e Bahia.



morceguinho-do-cerrado

Lonchophylla dekeyseri

É no Cerrado que respiro.

Alimento-me nas unhas-de-vaca, mas não sou vampiro. Adoro o açoita-cavalo, embora deteste quem maltrata os equinos. E os bovinos.

Apesar da fama dos morcegos, minha espécie não tem fome de sangue. Gostamos mesmo de flor, no plural!

O paraíso perfeito do morceguinho-do-cerrado seria um jardim no breu da caverna. Mas como isso não é possível, a gente sonha acordado e sai em grupo para beber néctar na grande escuridão da noite do cerrado. E talvez você ache estranho, caso possa ver, em meio aos embiruços e jatobás, o ardor de um bando de morcegos fazendo de conta que é beija-flor.

Alimenta-se de néctar, pólen, frutos e insetos, sendo importante polinizador de plantas do Cerrado. Coabita cavernas com outros morcegos, como vampiro *Desmodus rotundus*, cuja forma de extermínio em áreas de pecuária provoca a morte de outras espécies que com ele dividem o mesmo abrigo.



pato-mergulhão

Mergus octosetaceus

Um raro casal de patos de Minas conversam às margens do São Francisco:

— Pô, Pata, quanta solidão nesse mundão, bora dá um merguião!

— Pô, Pato, que prosa mais perdida, essa. Tem uma mió não?

— Uai, Pata, que patada! Tô aqui nas mió das intençaum e ocê só pisa no meu coração!!! Nêz calô, mió um mergúio e umas bitocas do que um café com pão di queijo.

— Ó, Pato! Tô achano que ocê num é pro meu bico naum! Sou de Minas, sô! Gosto de café!

— Ai de mim, meu São Francisquim. Então tá, né, muié! Boralá tumá um café?

— lé? Boralá, entaum, Pato! No ato! Tô até te achano um gato!

Existem menos de 250 patos-mergulhões na natureza.
É considerada uma das aves aquáticas mais ameaçadas do mundo.
O reflorestamento das margens dos rios e a despoluição das águas podem ajudar a salvar essa espécie.



piaba-branca

Stygichthys typhlops

Vivo no lençol. Mas isso não tem nada a ver com frio, sono ou preguiça.
Vivo molhada no lençol. Mas isso não tem nada a ver com medo do escuro ou xixi.

Eu gosto daqui. Aqui, no subterrâneo, é tudo escuro. Uma grande noite eterna. E gosto de viver no breu.

Não sinto falta da Lua. E, confesso, nunca vi o Sol. Não sinto falta do céu. E não vivo sem meu lençol!

A minha cor favorita? Claro, é a preta!!!

Mas os homens dizem por aí que sou uma piaba-branca. Já pensou se isso é verdade?

Ainda bem que vivo no lençol freático, sem direito à espelho d'água!!!

Endêmica do Brasil, a piaba-branca é encontrada apenas no lençol freático ligado ao córrego Escuro, afluente do rio Verde Grande, Alto São Francisco. Muita água tem sido retirada desse lençol freático para irrigar grandes plantações de banana, diminuindo o *habitat* e os alimentos disponíveis para a piaba.



tamanduá-bandeira

Myrmecophaga tridactyla

- Cariama, tô chocada! – disse a seriema!
- O que foi, Cristata? Não me diga asneiras que hoje estou sem forças. Tive que fugir de uma águia-cinzenta faminta – respondeu a colega!
- Os cupins estão a perturbar o tamanduá-bandeira!
- Como assim, amiga? Não é pra ser o contrário?
- É que um escapou daquela boca comprida e contou um segredo para os outros: “Gente! Tamanduá não tem dente!!!”
- Sim, Cristata. Até aí, nada demais. Seriema também não tem!
- Acontece que os cupins têm saído em passeata gritando pra ele: “Banguela! Banguela! Banguela!”. Isso é *bullying*, amiga. E o tamanduá não merece isso. Ele é o máximo com aquela cauda em forma de bandeira.
- Relaxa! O *bullying* não vai dar em nada. Tamanduá não ouve bem. E nem enxerga bem.
- Não? Choquei com essa notícia, Cariama! Por isso ele nunca reclamou da nossa cantoria estridente. Mas ele tem um faro ótimo, disso eu sabia.
- Olha lá, Cristata! O tamanduá está dando um daqueles abraços no cupinzeiro. Ixe, dessa vez não vai escapar um cupim daquela língua pegajosa...

Myrmecophaga tridactyla significa “comedor de formigas, com três dedos”, referência ao tipo de alimentação do tamanduá e às garras dianteiras utilizadas para cavar, abrir cupinzeiros e formigueiros e para a defesa.





tatu-canastra

Priodontes maximus

“Olha lá uma toca abandonada! Vou ver se acho algo para comer em meio à terra revirada!” – pensou a ema.

Ao se aproximar, tomou um susto ao dar de cara com a cutia que estava lá dentro descansando.

— Ué, não sabia que cutia cavava buracos!!!

— E não cavo mesmo! Nessa toca, morava um tatu-canastra!

— Caramba! Dizem que ele é o grande engenheiro da mata, pois há muitos animais que se apropriam das suas tocas. Elas podem ter até cinco metros de profundidade.

— Isso mesmo. E eu estava de olho nessa toca fresquinha para fugir do calor desses dias de seca no Pantanal. Esperei o tatu ir embora em busca de um cupinzeiro. Mas quase virei almoço de uma jaguatirica que também apareceu por aqui.

— Você viu o tatu-canastra? Eu nunca vi um. Como ele é? – perguntou a ema.

— Vi. Ele é gigante. Coisa de um metro e meio de comprimento. E tem unhas enormes. As maiores medem uns 15 centímetros. Um bicho grandão mesmo!

— Grandão como a onça-pintada que está vindo em nossa direção! Corre, cutia! – disse a ema, saindo em disparada.

O tatu-canastra (ou tatuauçu), maior das espécies de tatu, pode pesar até 50 kg. No Pantanal, os zoólogos descobriram que os buracos cavados por ele são usados por mais de 25 animais diferentes.



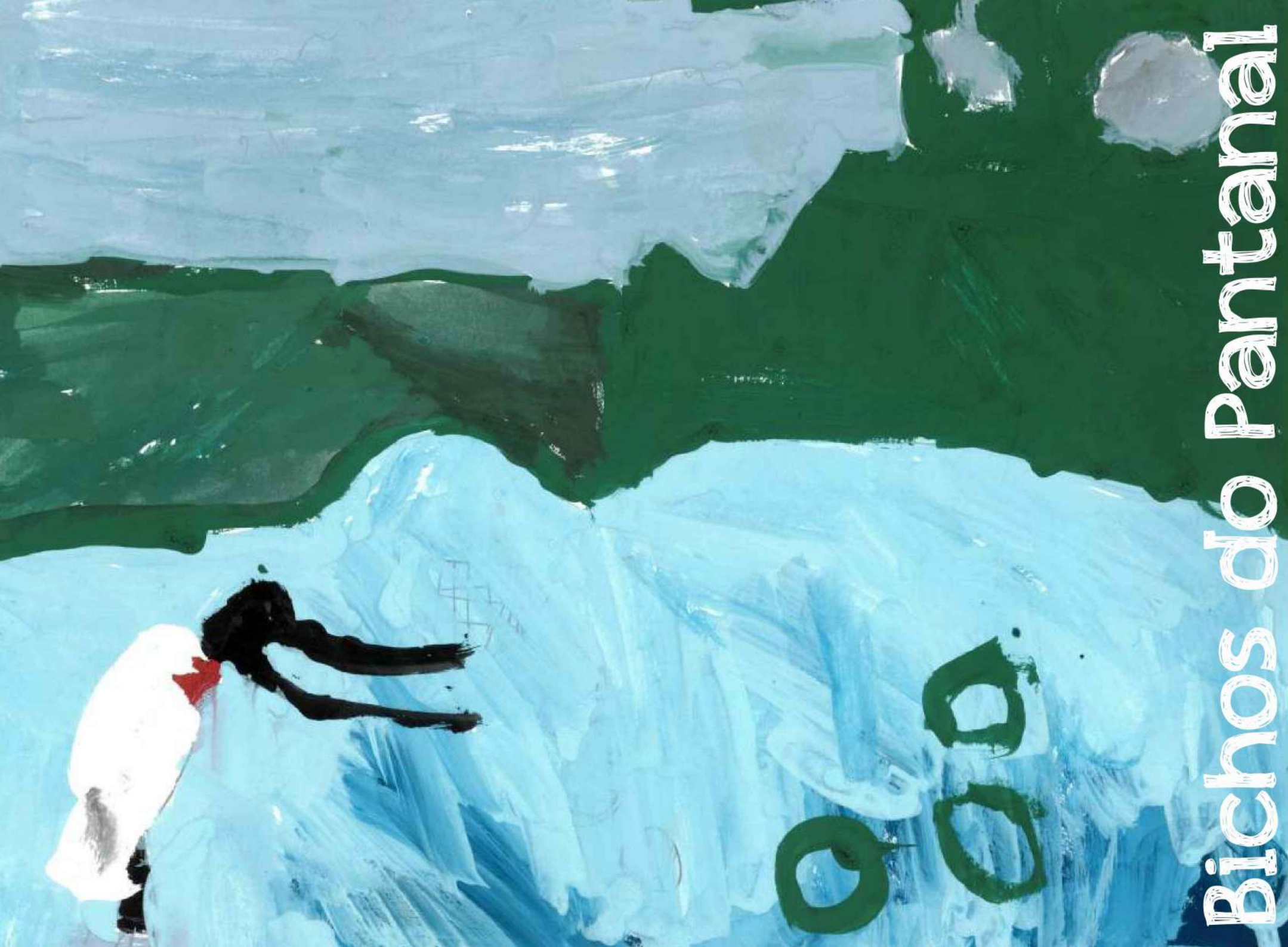


rato-candango

Juscelinomys candango

- E aí? Já podemos sair da toca?
- Não! Ainda não, minha ratinha do Cerrado.
- Poxa, são mais de 50 anos escondidos, vivendo aqui no mundo subterrâneo.
- Querida, estou só protegendo a gente. Vai que os humanos nos descubrem e desaparecem conosco como fizeram com os oito. Você já se esqueceu?
- Nunca esqueci. Vieram com aquela conversa mole de levar nossos tataratataratatraatataravós pra antiga capital, Rio de Janeiro, e aqueles oito ratos toparam. Depois nunca mais tivemos notícias daquela turma.
- Ainda bem que, à época, eles resolveram ficar nessas terras. Eu bem que te digo: “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais...”.
- Menos, querido. Quem disse isso foi Juscelino.
- Aff! Esqueci que você é muito boa em História. Mas olha só, nossos antepassados estão mortos. Vivos só a gente e nossos filhos. Vamos continuar brincando de esconde-esconde em nossas tocas.

São conhecidos apenas oito ratos-candangos, depositados pelo pesquisador João Moojen de Oliveira no Museu Nacional. O nome *Juscelinomys candango* é uma homenagem ao fundador de Brasília e aos operários que trabalharam na sua construção. Provavelmente, a espécie está extinta desde 1960.



Bichos do Pantanal

“Garças, socós, biguás, socós-bois, baguarís, biguàtingas, jaburus, tabúiaiás – são aos milhares, pousando, voando, gritando e mergulhando, por toda a parte. As enormes emas, aos bandos, quase esbarram na gente. Vai-se pelo campo, de automóvel, e erguem-se do capim bandos de porcos bravos, que correm, tontos, e o automóvel quase atropela. Varas de 8, 9, 10, 15, caitetús. O tamanduá-bandeira, quase a gente pôde encostar-lhe a mão. Os papagaios e araras vêm pousar na cêrca do curral, na hora de se tirar leite. Patos bravos, marrecos, maitacas, etc., não teem conta. A qualquer momento, pode-se avistar uma onça. Se a gente quer caçar uma onça e dispõe de três dias, o sucesso é garantido. Conversei com diversos ‘zagaieiros’ – caçadores bambas de onça, que manejam espetacularmente a longa azagaia.”

João Guimarães Rosa, em carta para o seu pai
Rio, 25/XI/47

Relembramentos: João Guimarães Rosa, meu pai
Vilma Guimarães Rosa





ariranha

Pteronura brasiliensis

Num barranco, às margens do rio Vermelho, uma família de ariranhas se prepara para um dia especial: após três meses de vida, hoje será a primeira vez que os caçulas vão mergulhar e aprender a pescar.

— Não aguentava mais esperar por hoje. Quase não dormi! – disse o pequeno Ari.

— Eu dormi! E acordei com uma fome danada. Fome de peixe! – disse Peçanha.

— Vamos, filhotes! É hora de pescar! – chama a mãe.

À beira do rio, os dois hesitam um pouco. A família já está na água numa conversa pra lá de animada. Todos mergulham, dão cambalhotas, nadam de costas, esticam os pescoços. Mostram que são ágeis e muito bons no que fazem. E como conversam!

A dupla cria coragem e – tchibum!!! – cai n'água! Todos param por um instante. Até que os caçulas emergem com um sorriso. Agora a família vai pescar! Todos juntos!

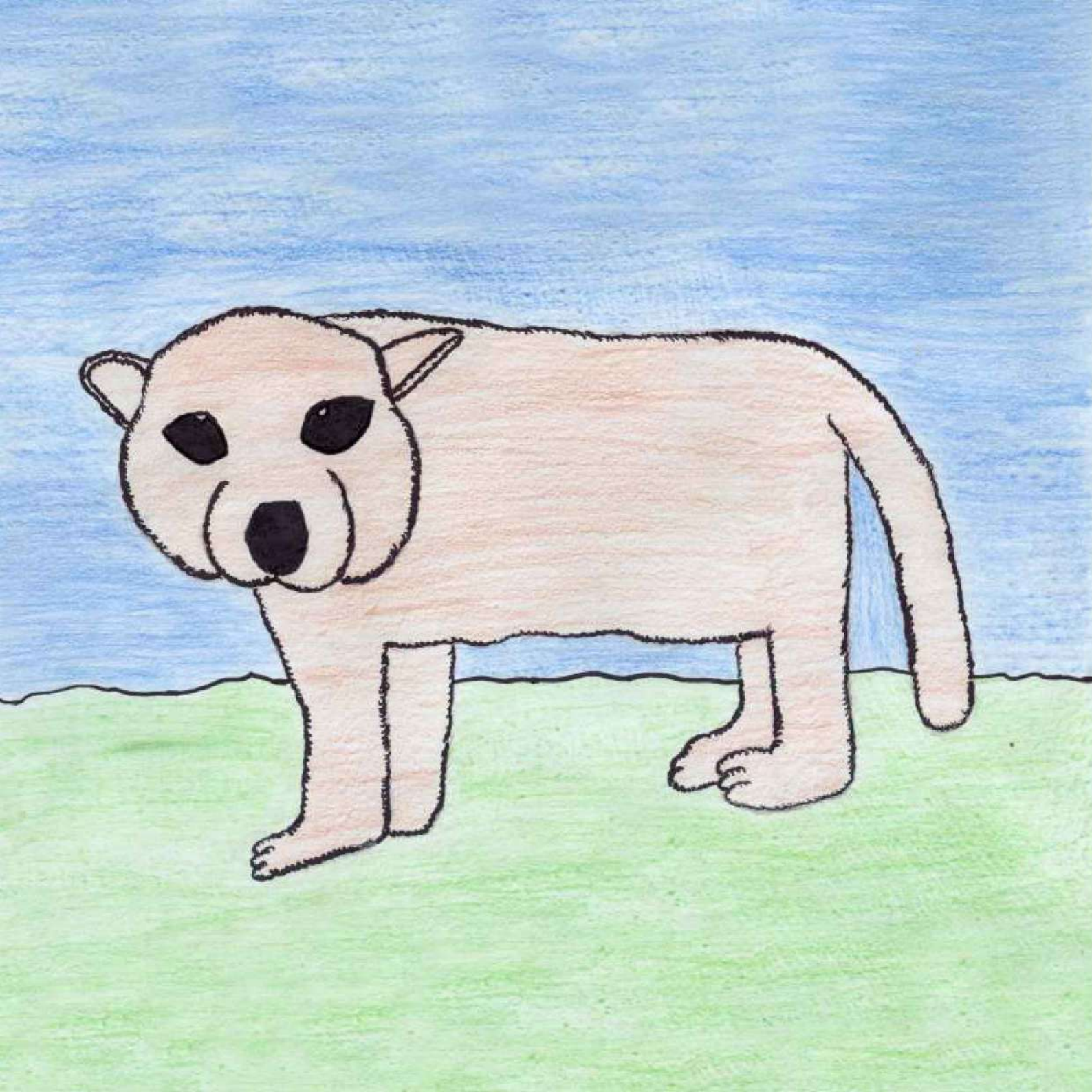
— Peguei um – disse Ari, a caminho da margem, com uma piranha entre os dentes.

— Eu também – disse Peçanha, já sobre um tronco, com uma traíra nas mãos.

E a vida segue normal às margens do rio Vermelho.

No passado, as ariranhas eram encontradas do Rio Grande do Sul até a Amazônia (menos na Caatinga). Hoje, estão extintas em vários estados. Vivem em família e constroem suas tocas às margens de rios cuja mata ciliar está preservada.





cachorro-vinagre

Speothos venaticus

A família cachorro-vinagre está em reunião. Cabeça, a matriarca, orienta a matilha para a caçada cooperativa:

— Filé, Coxinha, Costela e Pescoço, vocês vão pela esquerda! Sem fazer barulho, hein?

— Bochecha, Cotoco, Orelha e Bisteca, escondam-se ali na moita que o tatu vai tentar uma fuga por aquele lado. Façam o cerco discretamente! Não quero ver ninguém chamando a atenção!!!

— Cabeça, Cabeça, olha lá a Bexiga estragando tudo!!! – entrega o pequeno Torresmo.

No descampado, a jovem Bexiga apoia-se nas patas dianteiras, pendura as patas traseiras no pequeno arbusto e faz o seu xixi à vista de todos, sem vergonha!!! O cheiro é forte e espanta o tatu que escapa por um triz de ser o almoço da cachorrada!

Cabeça, então, solta os cachorros na Bexiga:

— Filhota, assim não dá! Teremos que caçar outro prato pro jantar! Pelo menos sua mãe pode descansar na toca do tatu, que agora é nossa.

Cabeça, grávida de mais três, dá para a filhota Bexiga um olhar de fome, carinho e perdão. E se entoca.

Único canídeo silvestre do Brasil que vive em bando familiar de até 12 indivíduos. Todavia, é naturalmente raro. Sua toca possui túneis e várias entradas.





cervo-do-pantanal

Blastocerus dichotomus

Pai e filho caminham no Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense ao lado de um guia. É tempo de seca, bom para o ecoturismo, bom para observar os animais. A várzea dá lugar a um campo enxuto com poças onde os animais se amontoam para matar a sede. O pai chama a atenção para algo em meio ao capim:

— Olha, filho, logo ali, parece uma galhada!

— Que bonito, pai. Será que mataram o animal e deixaram seu chifre aqui no campo?

O guia logo informa:

— Pessoal, este chifre é do cervo-do-pantanal. De um macho, pois as fêmeas não têm chifres. No Parque, os cervos estão protegidos da caça. O chifre está aqui por um motivo natural: todo ano caem e voltam a crescer, embelezando novamente esse animal, que é um dos grandes mamíferos encontrados no Pantanal. Este chifre tem cinco pontas e deve ser de um jovem. Nos cervos velhos, podem crescer até 20 ramificações.

— E quais são os outros grandes mamíferos daqui?

— Além do cervo-do-pantanal, temos a anta, o tamanduá-bandeira, a capivara, a onça-parda, a ariranha e, claro, a onça-pintada.

A poucos metros dali, um cervo macho, sem chifres, ameniza o calor nadando na Baía do Burro.

A drenagem das várzeas e sua transformação em pastagens reduz o habitat natural do cervo, que gosta de áreas alagadas com 50 cm de profundidade, fartas em alimento e onde ele consegue ser mais veloz do que o seu principal predador: a onça-pintada.





Bichos do Pampa

“Outras vezes trazia-lhe de presente ovos de perdiz, ou ninhadas de mulitas, que ela criava com paciência e logo que podiam manter-se, largava para o campo. Uma ocasião trouxe-lhe um veadinho; ela soltou-o; uns gatos viscachas, soltou-os também.”

“E respirou, aliviado; olhou o campo, silencioso, viu a casa lá longe, branqueando no verde do arvoredado.

Como diabo ia ele levar a caça, aquela?... E quando estava botando as suas contas, o nhandu deu em patear, a se revirar todo e mal apanhou livre uma perna, priscou e se foi a la cria, deixando o caçador no ora-veja!...”

Contos gauchescos
João Simões Lopes Neto



corredor-crestudo

Coryphistera alaudina

A poesia encontrou um ornitólogo
– um tipo de biólogo –
No Parque Estadual do Espinilho
Assim que o sol despertou seu brilho.
Esse observador da natureza
Não procurava aves no céu, com certeza
– naquele dia, não –
Observava as aves no chão
Pois as que queria encontrar
Gostam muito de caminhar.
Enfim, viu o motivo do seu estudo
Um bando de corredor-crestudo
Ciscando a terra atrás de comida:

Besouro, aranha, grilo, formiga.
De repente, chegou um bando distinto
Também em risco de ser extinto
Como os crestudos, aves com topete,
Porém batizadas de coperete.
O encontro das aves não deu em confusão
E o ornitólogo saiu dali com uma razão:
Se os homens aprendessem com os passarinhos,
Dividiriam mais a terra, o céu e também seus ninhos.
Assim se foram, ao fim do dia,
O ornitólogo, a razão e a poesia.

A população de corredor-crestudo é muito reduzida. Poucas dezenas de indivíduos sobrevivem no Parque Estadual do Espinilho (RS). Também pode ser encontrado na Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

CR



gato-palheiro

Leopardus colocolo

Daqui, de cima da figueira, eu espero. O minuano traz o frio mas não me incomoda. Meu pelo é longo como longa é essa espera. Ali embaixo, na muvuca arenosa perto das raízes dessa árvore, mora um tuco-tuco. Ele não me conhece porque vivo em outros ranchos no interior. Mas sei que ele morre de medo de mim. E com razão. Sou um gato-palheiro, felino selvagem, e ele, um roedor dessa terra, será minha refeição.

Enquanto ele não aparece, sigo lambendo minhas belas patas. Sim, eu disse belas. Parecem botas negras a me cobrir o pelo marrom. Mas não sou o gato-de-botas, embora seja esperto como ele. Se algo me ameaça, eu eriço os longos pelos do meu dorso e pareço quase dobrar de tamanho.

Fico grande. Grande como a minha fome. Fome que só cresce. Uma hora esse roedor aparece. Em cima da figueira, eu espero.

Muito parecido com o gato doméstico, o palheiro tem pelos longos, cara larga, orelhas pontudas e listras horizontais escuras nas patas. Solitário, vive nos campos e raramente é visto. Pouco se sabe sobre seus hábitos de vida.



tuco-tuco

Ctenomys flamarioni

Daqui, debaixo da figueira, eu espero. O minuano traz o frio mas não me incomodo. Escondo-me nesta galeria subterrânea e espero. Cravo na areia minhas unhas fortes. Forte como a certeza de que em cima da árvore há um predador à minha espreita. Um felino selvagem. Sei que ele quer me devorar. E com razão. Sou um tuco-tuco, um roedor. Sou um rango perfeito para esse gato-palheiro de férias no litoral.

Enquanto ele não se cansa, vou cavucando a areia devagar. Mas vou te contar: faço um barulho sempre que me sinto ameaçado, quando, por exemplo, um chimango dá um rasante em minha direção. Aí eu abro a boca e digo “tuco-tuco”. Contando assim parece bobo. Mas, na real, assusta. E eu ainda estou aqui pra contar a história, não é mesmo? Sou um roedor do litoral gaúcho, tchê!

Agora, o tempo é curto como a minha cauda. E preciso comer alguma coisa. Bem ali tem um figo caído. Uma delícia de figo. Fico? Fico! Uma hora esse gato desaparece. Debaixo da figueira, eu espero.

Há cinco espécies de tuco-tuco na região Sul. O *Ctenomys flamarioni* ocorre apenas nas dunas costeiras. Solitário, passa quase todo o tempo embaixo do solo. Alimenta-se de raízes e folhas.



"Ora, se mataram a onça, que era a rainha da floresta, o mesmo farão com a maior facilidade, a qualquer outro bicho menos forte do que a onça. Estamos pois com as nossas vidas ameaçadas de grande perigo e temos de tomar providências. Por isso quero convocar uma reunião de todos os animais. Vocês, que voam, sejam meus mensageiros. Voem sobre a mata e avisem a todos para que estejam aqui reunidos, amanhã à noite, debaixo da Figueira Brava."

Caçadas de Pedrinho
Monteiro Lobato





balança-rabo-canela

Glaucis dohrnii

No início, eram dois ovos alongados e brancos, no fundo de um ninho afunilado, construído com fibras e raízes bem finas, enfeitado com líquens, pendurado numa folha de palmeira. Após 15 dias, nasceram dois filhotes que, agora, vivem ansiosos à espera do retorno da mãe para alimentá-los. Ela vem de um longo passeio, chega de fininho, paira sobre o ninho e coloca seu bico longo e finíssimo na garganta de cada filhote, despejando ali o néctar que conseguiu das flores da Mata Atlântica capixaba e pequeniníssimos insetos. Ela armazena o alimento no papo e o transporta voando até o ninho, para a alegria dos pequeninos filhotes. Somente com 30 dias de nascida, a dupla terá autonomia para deixar o ninho e buscar seu próprio alimento nas bananeirinhas-do-mato e se banhar nas águas das bromélias.

Os beija-flores alimentam-se do néctar das flores, rico em açúcares, e de pequenos insetos. Algumas espécies podem visitar até 2.000 flores por dia. São importantes polinizadores. Existem pelo menos 100 espécies de beija-flores conhecidas no Brasil.



besouro-rola-bosta

Dichotomius schiffleri

— Os pais são loucos por seus filhos. Fazem de tudo para que nasçam e cresçam com saúde. Eu e meu marido também somos assim.

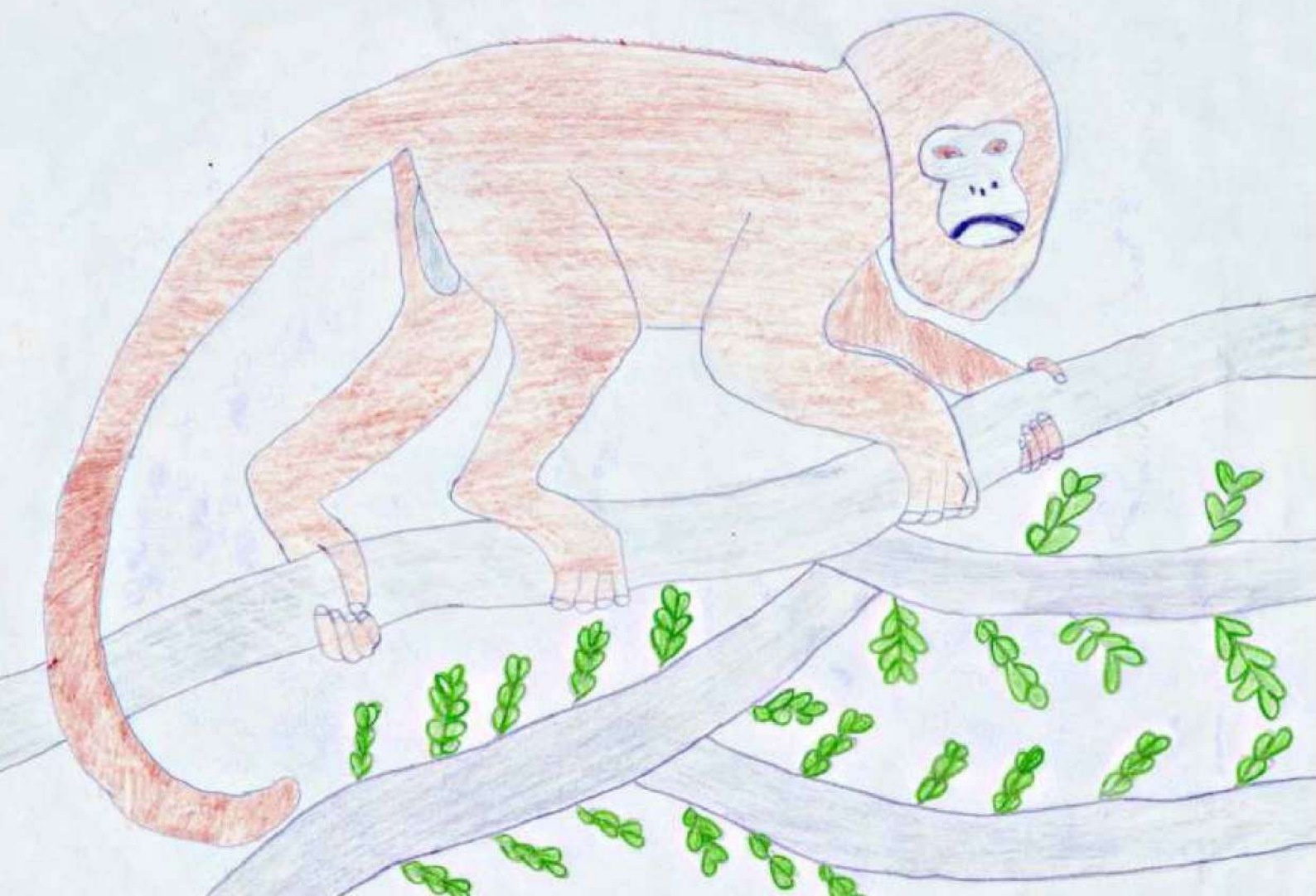
— Mas, como é da nossa natureza, a gente nunca está perto quando os filhotes nascem. Por isso, garantimos uma boa reserva de comida para que eles não passem fome até aprenderem a se virar sozinhos.

— Então, vamos ao mercado e pegamos um monte de papinha em conserva. Um montão mesmo. Transportamos tudo até uma despensa bem segura, num porão, onde estão os nossos futuros filhos. E deixamos lá, para quando eles nascerem.

— Pessoal, meu marido acha que é melhor explicar sem metáforas.

— Ok. Nós vamos ao campo procurar um monte de cocô. De qualquer bicho. Cocô mesmo! Pois a gente adora comer cocô. Com ele, fazemos uma bola de bosta gigante e rolamos com ela até um local seguro onde cavamos um buraco e a enterramos junto com os ovos de onde sairão nossos futuros filhotes. Depois, vamos embora. Quando nascerem, vai ter cocô para eles comerem e crescerem fortes e belos.

Alimenta-se de fezes, fungos, animais mortos e frutos em decomposição. Só sobrevive em florestas bem preservadas, sendo mais encontrado nas restingas.



bugio-marrom

Alouatta guariba guariba

Na Mata dos Ausentes, em Minas Gerais, um bugio-marrom ronca em alto e bom som:

— Conga, não esquece de trazer a babosa, pois os pelos da minha barba estão ameaçando cair.

A quase dois quilômetros dali, Conga, sua filha, responde num guincho igualmente sonoro:

— Pai, isso é porque você masca demais as sementes de ingá, como se fossem chiclete. Não é nada demais. Acontece também com a minha barba!

O guariba-pai, pendurado pela cauda, é surpreendido pela resposta da filha em meio à refeição – com folhas numa mão, favas na outra, e os dois pés brincando com um cipó – e solta um gemido, quase um sussurro:

— Às vezes, esqueço que minha filha também é barbada!

Então o silêncio volta a imperar na Mata dos Ausentes.

Estima-se que haja menos de 250 bugios-marrons dispersos pela Mata Atlântica no sul da Bahia, extremo nordeste de Minas Gerais e extremo norte do Espírito Santo. É um dos primatas mais ameaçados de extinção no mundo.



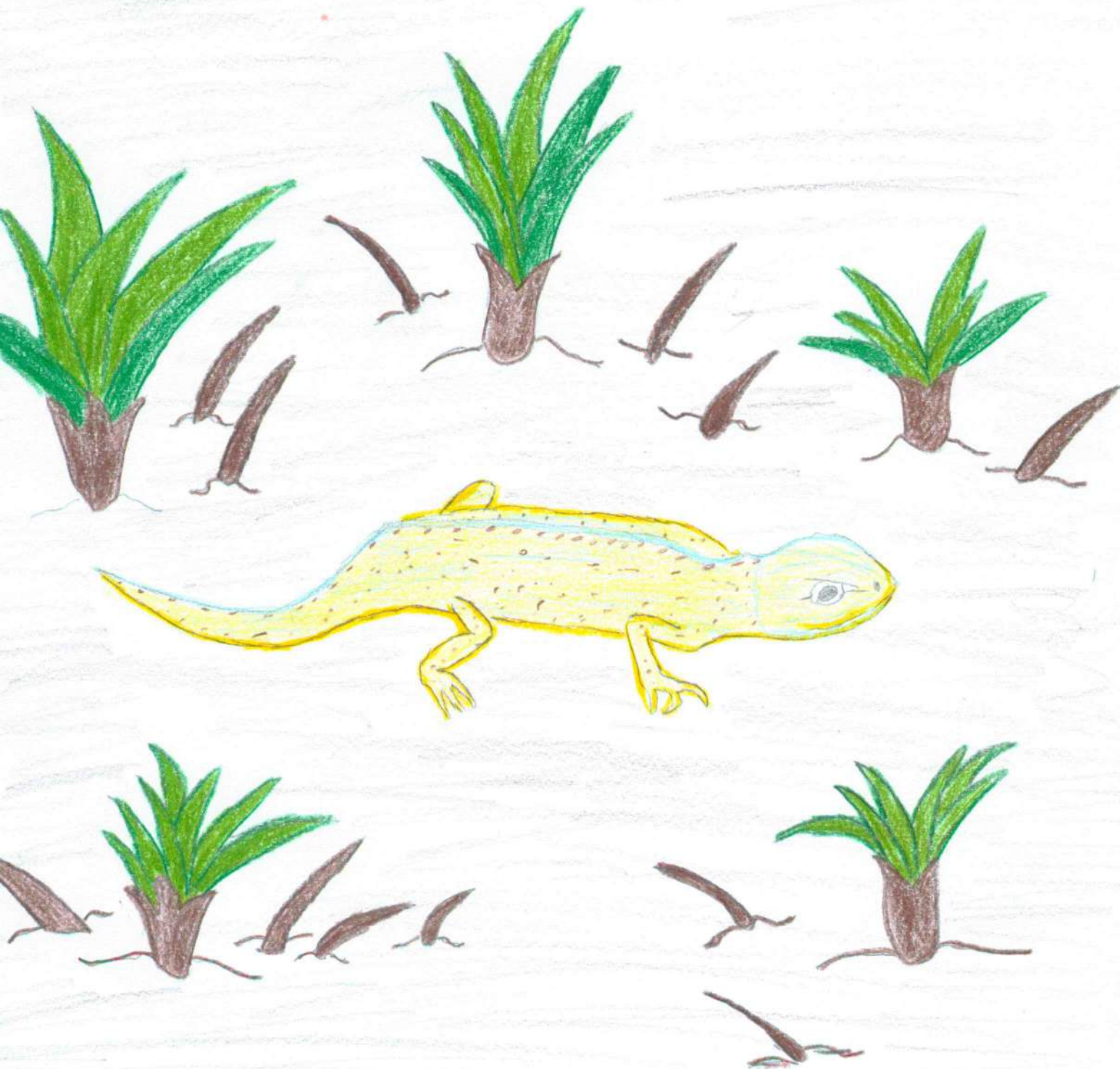
cágado-de-hoge

Mesoclemmys hogei

Um *Mesoclemmys* filosofa sobre a estranheza do seu nome popular:

“Ô vida mais devagar essa minha! Eu merecia saber menos do que sei. Ser mais ignorante. Assim, não entraria em parafuso. Porém, este meu nome deixa o mundo confuso! Quem não estudou direito pode não entender a história e pensar que está tudo errado ou que há um novo acordo ortográfico na Língua Portuguesa. Tudo isso me deixa por demais enfezado! Meu primeiro nome é MESMO acentuado. E meu sobrenome é MESMO escrito com a letra ‘g’. Mas é certo: cágado-de-hoge sempre causa estranhamento. Eu confesso, envergonhado, que escondo a cara. Seja na carapaça ou na carapuça. Mas pode me chamar de cágado-do-paraíba.”

Vive na bacia do rio Paraíba do Sul (Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro). A destruição das matas ciliares remove os abrigos naturais do cágado e reduz a oferta de alimentos.



lagartixa-da-areia

Liolaemus lutzae

Amanheceu na restinga da Marambaia.

Larga, a lagartixa-da-areia, desenterra sua cabeça e observa a quietude do lugar. Ali, entre a água do mar e o início de vegetação rasteira, ela sai à procura de um pouco de sol para se esquentar. Desfruta o verão numa das restingas mais preservadas do litoral carioca.

Uma hora depois, um susto: barulho de gente chegando na areia. É raro ter gente por ali. Rapidinho, ela volta a se esconder do mundo, enterrando seu corpo inteiro na areia. Faz isso normalmente para fugir da coruja-buraqueira, do anu-branco e do caranguejo maria-farinha.

É uma excursão escolar. Passam bem pertinho de onde Larga se esconde. O professor diz:

— Daqui até a restinga de Cabo Frio mora o Dragão da Areia, como também é conhecida a bela lagartixa-da-areia. Apesar do nome de dragão, ela cabe na palma da mão.

Larga gostou do que ouviu. Mas teve que ficar enterrada na sua toca durante as horas seguintes, as mais quentes do dia. Quer mais é curtir o verão na praia, mas sem abusar do sol.

É uma espécie indicadora da saúde do ambiente (bioindicadora) porque só sobrevive onde a natureza está preservada. A destruição da restinga pelo pisoteio por banhistas e pela urbanização (calçamento, quiosques, quadras esportivas, portos) ameaça à espécie.



mico-leão-preto

Leontopithecus chrysopygus

Em algum lugar do Pontal do Paranapanema, dois micos-leões-pretos travam o seguinte diálogo beeeeeem paulista:

— E aí, truta, belê?

— Tamo aí, mano! Mas ando jururu.

— Diz aí, qual foi a parada?

— É que os caras só falam do mico-leão-dourado e esquecem da nossa espécie! Será que é por que somos pretos?

— Se pá! Mas se nossa cor dominante te incomoda, você pode mudar o nome para mico-da-bunda-dourada. O que acha?

— Tá me tirando? Acho da hora as cores do jeito que são e no lugar que estão. Mas seria bom destacar que nossa espécie também merece cuidado. Nosso parente, o dourado, tem até sua imagem impressa em notas de 20 reais! Assim não dá!

— Deixe de ser coxinha! Isso tem ajudado a mantê-los sob atenção e cuidado dos humanos!

— Ah, meu! Nada contra. Tem mais é que preservar. Só gostaria que alguém escrevesse sobre a gente num livro para crianças. Daí, elas cresceriam sabendo que a gente também precisa de cuidado!

— Essa, sim, é uma ideia da hora!

Endêmico de São Paulo, só ocorre na região limitada pelos rios Tietê, Paranapanema e Paraná. A Estação Ecológica Mico-Leão-Preto foi criada em 2002 para proteger os micos-leões-pretos e preservar a Mata Atlântica.



muriqui-do-norte

Brachyteles hypoxanthus

— Cadê o filhote de muriqui que estava ali? – brincou Karen, de olho na copa do guapuruvu.

— O gavião não comeu! – sussurrou Sérgio, direcionando o binóculo da colega um pouco mais para a direita!

Lá, o filhote brinca com sua mãe que, com uma perna, segura um galho e com uma mão, outro, unindo duas árvores, como se ela fosse uma ponte de um metro e meio, para o pequeno atravessar serelepe sobre suas costas.

Na família do maior primata das Américas, o almoço é repleto de folhas, frutos, flores e de uma certeza: tá na hora da irmã mais velha, a Mariquinha, procurar outro bando para procriar. Às vezes, os pesquisadores dão uma mãozinha para que isso aconteça. Lá embaixo esperam por ela.

Do alto, a jovem muriqui observa o movimento como quem espera por algo. E algo, de fato, a atinge. Antigamente seria um tiro mortal. Hoje, um dardo com tranquilizante. Quando acordar, Mariquinha estará noutro ponto da Mata Atlântica. Pronta para acasalar e continuar a espécie.

Ah, esses muriquis. Vivem em bando, semeando pela mata, balançando de um lado pro outro, em paz. A gente tem muito o que aprender com eles. E, como esses biólogos, já tem gente aprendendo!

Menos de 1.000 muriquis-do-norte vivem na natureza, espalhados em grupos por fragmentos de Mata Atlântica em Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. São também conhecidos como mono-carvoeiro.



mutum-do-nordeste

Pauxi mitu

Na sala do cafezinho do criadouro científico Crax, dois ornitólogos conversam sobre o mutum-de-alagoas:

— E aí, Roberto, você conferiu a temperatura da chocadeira nesta manhã?

— Claro, Pedro. Fico de olho nesses ovos. Esses filhotes que estão por vir farão parte da primeira geração, nascida em cativeiro, a ser reintroduzida na natureza.

— O nome dessa espécie bem que poderia mudar para mutum-de-minas. Afinal, se não fossem os cativeiros daqui de Contagem e de Poços de Caldas, a espécie estaria extinta.

— Nada disso. Minas já tem o mutum-do-bico-vermelho. Aliás, a reintrodução dessa espécie foi um sucesso!

— Sei de tudo isso, Roberto. Estava brincando, amigo.

— Depois que os remanescentes florestais de Alagoas estiverem bem protegidos e iniciarmos as atividades de educação ambiental na região, poderemos reintroduzir as aves.

— Não vejo a hora de levar a maior ave terrestre da Mata Atlântica nordestina de volta à sua terra natal.

— Dará certo, Pedro. Agora, me dê licença que o turno é meu e preciso percorrer os viveiros e conferir se as fêmeas botaram mais algum ovo.

Em 1979, existiam apenas cinco exemplares de mutum-de-alagoas (ou mutum-do-nordeste) em cativeiro. Hoje são mais de 100, mantidos em dois criadores em Minas Gerais. A reprodução em cativeiro e a reintrodução, em áreas protegidas, evitarão a extinção da espécie.



perereca-pintada

Aparasphenodon pomba

Em meio a um bambuzal às margens do rio Pomba, em Cataguases, Zona da Mata mineira, Clodoaldo, uma perereca-pintada macho, imagina como conquistar a fêmea que viu por ali.

1) Escrever um poema (Não! Seus dedos grudam no papel e estragam tudo. Ah, e ele não sabe escrever!).

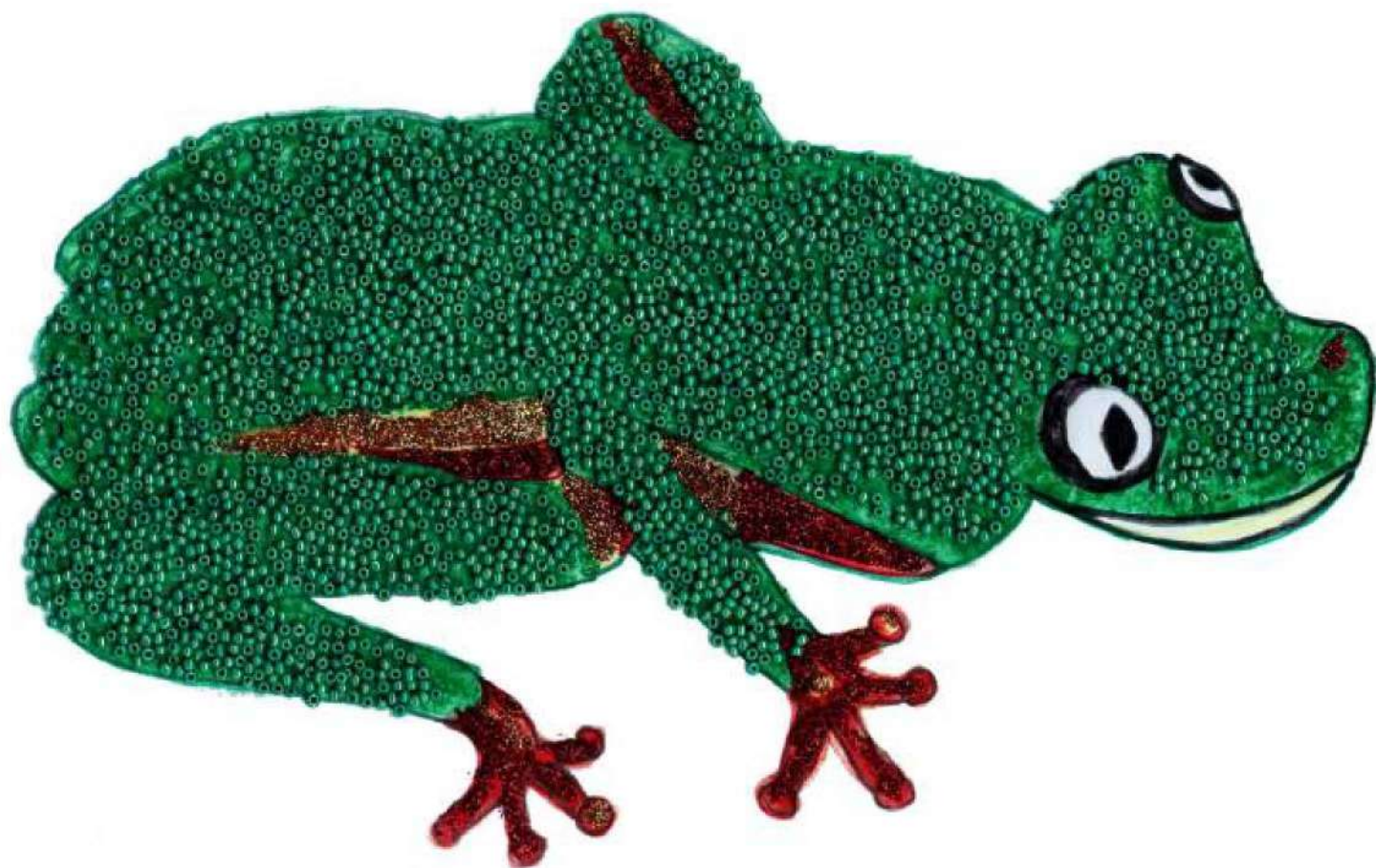
2) Convidá-la para um passeio de carro (Não! Ele ainda não tirou a carteira de motorista – e ainda não tem um carro!).

3) Convidá-la para o cinema (Não! Sem carteirinha de estudante – ele não tem e ela também não – os ingressos ficariam muito caros e ele não teria como pagar a pipoca).

4) Bem que poderia convidá-la para uma balada. Seria um sucesso com suas peles que parecem de onça: douradas, com manchas beges. Mas da última vez que levou uma perereca para uma festa no brejo, houve um tumulto e sua pretendente foi esmagada por um sapo-cururu. Melhor evitar.

Resta apenas uma opção: preparar uma bela serenata, lançar o seu olhar rubro de galã conquistador e ver se ela topa um passeio a pé no bambuzal!

Com apenas 6 cm, a perereca-pintada, descoberta em 2008, só foi apresentada à ciência em 2013. Não há unidades de conservação ou outras áreas protegidas próximas ao pequeno fragmento de mata onde ela vive, ameaçada pelas atividades industriais e agropastoris.



perereca-verde

Agalychnis granulosa

Gosto de brincar de estátua
Fico parada o tempo que for.
E assim, enquanto espero minha comida passar,
Me escondo numa folha
E fico da sua cor.
Quando um inimigo me avista
Logo me finjo de morta.
É que, para alguns animais,
A presa, só viva, importa.
Enxergo bem na escuridão,
Pois minhas pupilas são verticais
Eu vivo grudada nos caules, nas folhas.
Meus dedos, como adesivos, são nada normais.
Para quem pensa que perereca, rã e sapo
São farinha do mesmo saco
Eu digo que é bobagem
Ignorar tanta diversidade.
Pererecas, como eu, vivem mais tempo nas árvores.

O Brasil é campeão mundial em diversidade de anfíbios: 1.026 espécies já reconhecidas pela ciência, a maioria descoberta nos últimos 50 anos. Dessas, pelo menos 41 estão ameaçadas de extinção pelo desmatamento, poluição, agrotóxicos, doenças e aquecimento global.



preguiça-de-coleira

Bradypus torquatus

— Huuummm... que preguiça de escrever esta história — disse o escritor, ao se espreguiçar.

— Preguiça tenho eu de lê-la — disse o bicho-preguiça, do alto da embaúba, pendurado de costas pro chão e girando sua cabeça 270° para olhar fundo nos olhos do escritor.

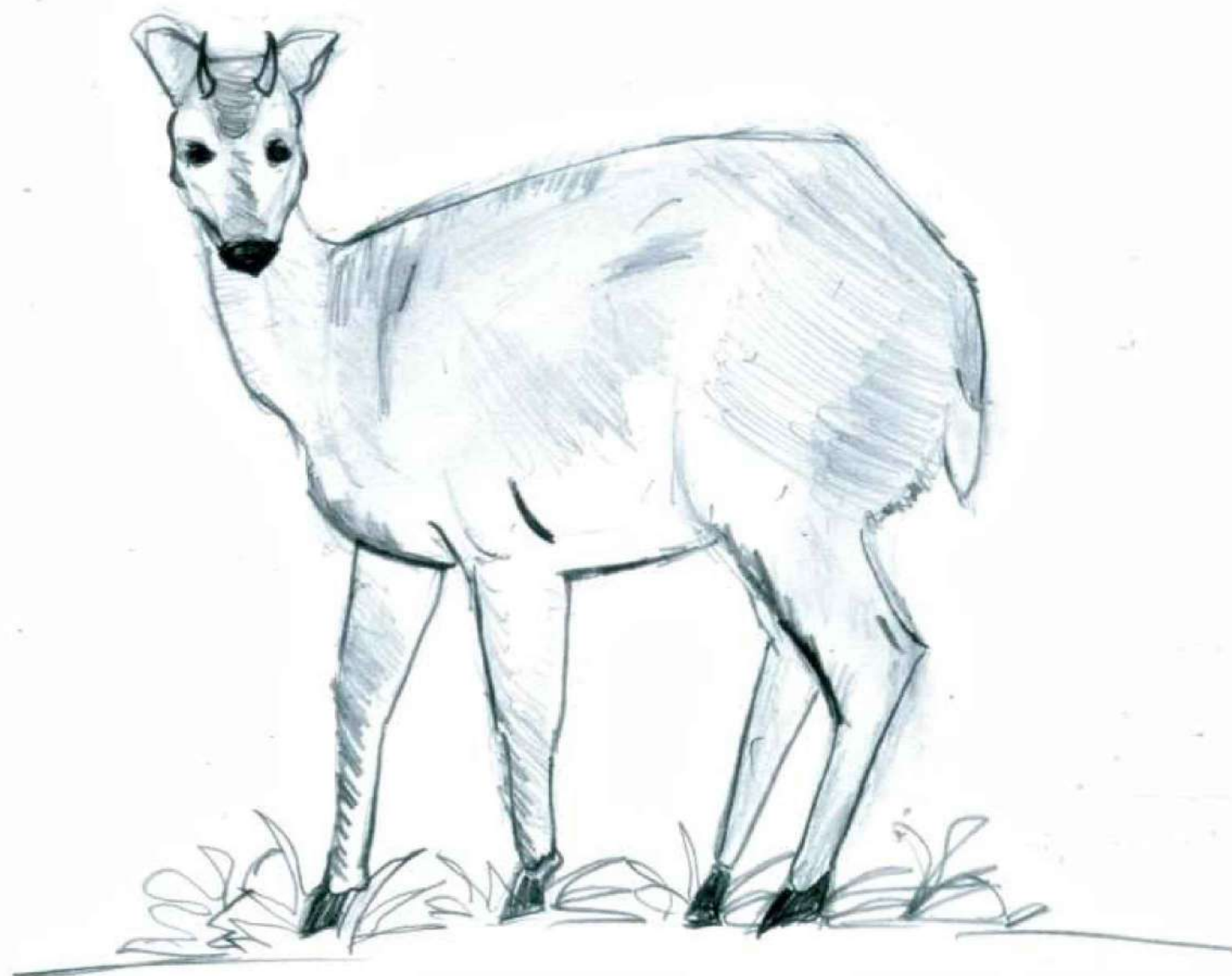
O bicho-homem tomou aquela resposta como um insulto! Afinal, que história é essa de bicho-bicho ler alguma coisa? E ainda falar mal da sua história? Tudo muito esquisito. O escritor levantou-se da rede e foi pesquisar.

Descobriu, então, que o tal bicho-preguiça enxerga pouco e não sabe ler. Quando se movimenta, é beeeeeeeeeem devagar. Mal escuta o que acontece ao seu redor. Gosta de se esquentar ao Sol. Tem um nariz poderoso e um apetite maior por folhas. Sua preguiça é tanta que justifica o nome que tem. Descansa a maior parte do tempo e só desce das árvores para fazer cocô uma vez por semana.

— Agora que sei muito sobre o bicho-preguiça, vou escrever uma história — disse o escritor. Deitou-se na rede, pegou seu caderno e o lápis, escreveu: “Era uma vezzzzzzzzzzzzzzzzz...”.

E caiu no sono.

A cada 24 h, a preguiça desloca-se 30 m entre as árvores. Quando está com pressa, essa distância pode chegar a 300 m. Ela também é capaz de nadar.



veado-bororó-do-sul

Mazama nana

Em Medianeira, o pequeno Maurício ouve a notícia no rádio do carro:

“O chefe do Parque Nacional do Iguaçu informou que foi encontrado, na manhã de hoje, um filhote de veado-bororó-sul durante inspeção das armadilhas fotográficas instaladas no Parque. O filhote estava desacompanhado da mãe, escondido na vegetação bem ao lado de uma das armadilhas usadas na pesquisa para identificar as espécies que vivem no Parque e a frequência com que elas cruzam a Estrada do Colono, cuja reabertura tem gerado protesto e polêmica entre ambientalistas, políticos e moradores da região. Ao inspecionarem a armadilha, os biólogos encontraram uma sequência de fotos que registraram o exato momento em que a mãe do filhote foi predada por uma suçuarana. Barbante, nome dado ao filhote de veado-bororó, foi levado ao hospital veterinário da Itaipu Binacional onde está sendo cuidado pelo veterinário Wanderlei. Aquecido após enfrentar a madrugada invernal, o filhote recebeu mamadeira com leite de cabra. Passado o susto, Barbante será mantido no Refúgio Bela Vista até ter idade para retornar à liberdade no Parque. O veado-bororó-do-sul, menor cervídeo encontrado no Brasil, está ameaçado de extinção.”

Maurício sorri aliviado com a notícia. E se vê cuidando do pequeno Barbante. Sonha em ser veterinário.

No Brasil, os pequenos cervídeos (veado-mateiro, veado-mateiro-pequeno, veado-catingueiro, veado-roxo e veado-bororó-do-sul) são alvos da caça de subsistência e da caça ilegal em todo o país.



Bichos do Mar e ilhas oceânicas

“O povo do governo veio e mostrou coisas. Números. Fotos do coral. Disseram que a universidade tinha os dados. Que havia todas as condições para montarem aqui uma área de proteção permanente. Que o governo tinha tudo pronto. O sujeito do Ibama era quem falava.

— Os recifes de coral estão sendo ameaçados em todo o mundo. Se ninguém fizer nada, eles morrem. Se eles morrem, todo o ecossistema é destruído, ou abalado. A gente precisa cuidar do ecossistema.”

Filho de peixe
Marcelo Carneiro da Cunha





albatroz-de-tristão

Diomedea dabbenena

Lá do alto, sobre o Atlântico, próximo ao litoral do Rio Grande do Sul, um albatroz-de-tristão abre suas asas, fecha os olhos e descansa sustentado pelo frio vento Carpinteiro.

De repente, ouve algo:

— Larga esse Carpinteiro gelado, bate as asas em busca do vento Aracati para conhecer as delícias do litoral cearense. Eu acompanho você para mostrar tudo!

— Quem é você? – pergunta o albatroz!

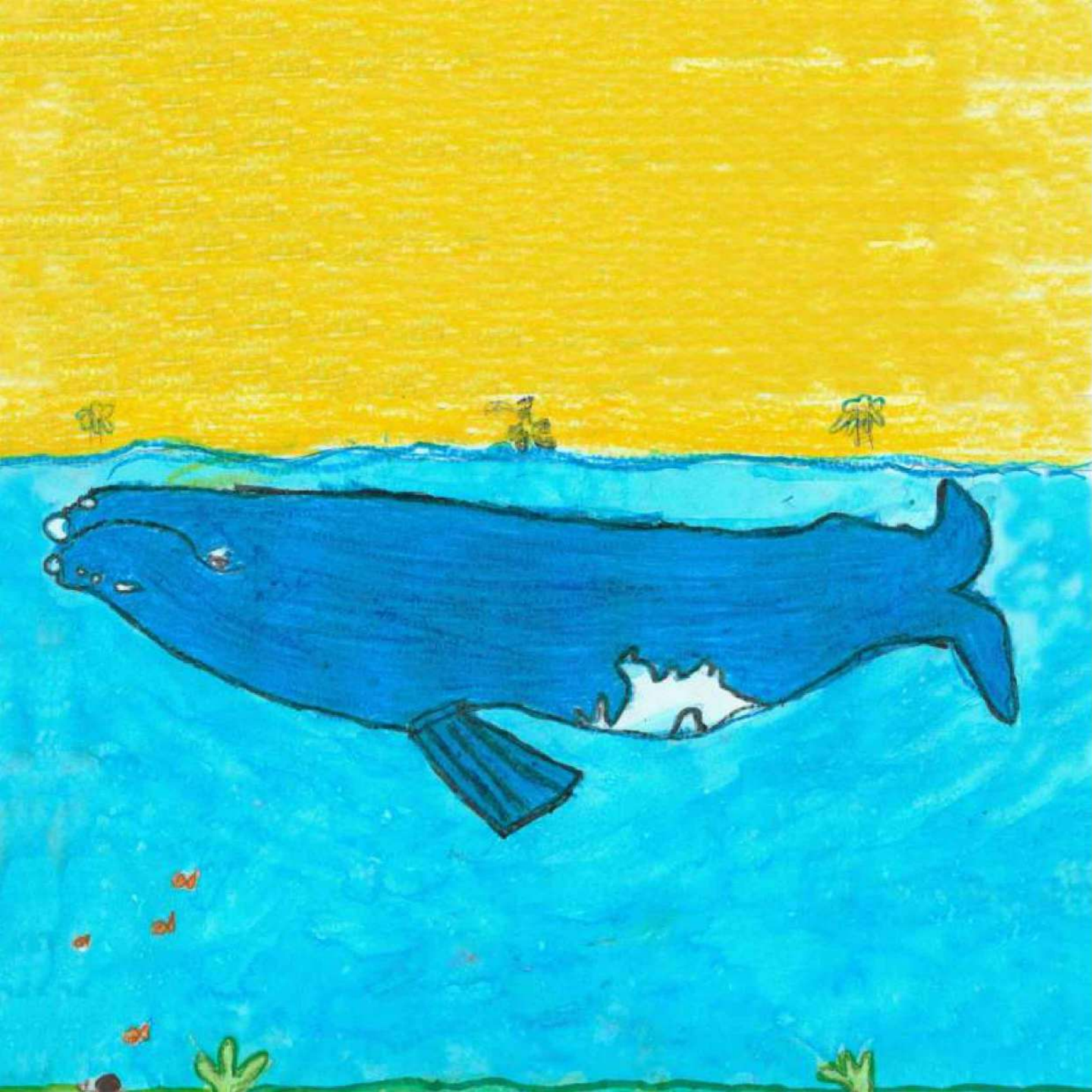
— Uma gaivota-alegre! – responde a ave faladeira.

“O Aracati, as praias. Tudo isso deve ser mesmo uma delícia de se ver do alto”, pensa o albatroz. “Mas... devo estar sonhando, pois a gaivota-alegre não voa pelos mares do sul.”

Um sopro mais gelado do Carpinteiro faz o albatroz abrir os olhos e cair na realidade à luz do sol do meio-dia. Ele plana mais um pouco, avista um cardume de lulas cercado por seus companheiros que também vieram do longínquo arquipélago de Tristão da Cunha e decide:

— É hora do almoço!

A distância entre as extremidades das asas abertas do albatroz é de 2 m e ele pode viver 20 anos. Atraídos pelas iscas lançadas pelos barcos de pesca de espinhel (para capturar espadartes, tubarões e atuns), muitos albatrozes morrem afogados presos nos anzóis.



baleia-franca-do-sul

Eubalaena australis

Na costa catarinense, duas biólogas a bordo de uma embarcação observam o Atlântico, procurando baleias:

— Bia, olha lá, um borrito em “V”!

— Sim, Mariana, e mais outro! Eita, esse foi de quase cinco metros! Deve ser uma baleia-franca-do-sul!

— Concordo! Veja, ela não possui a nadadeira dorsal.

— Será que é a Queixinho? Nós não a vemos há dois anos!

— Deixa eu ajustar melhor o binóculo para ver se é ela... Pelo tanto que sabemos, essa aí difere um pouco no formato e tamanho da cabeça, além das calosidades em lugares distintos. É uma cuca diferente! Não é a Queixinho.

— Mas também tá cheia de cracas!

— Esse tipo de baleia sempre tem né, Bia, a cabeça cheia de cracas! Isso sem contar os piolhos-de-baleia!!!

— Claro, claro, Mariana! Você sempre com a cabeça cheia de cracas e piolhos!!!

— Deixe de piada, Bia! Pegue logo a máquina fotográfica! É hora de fazer a foto-identificação para nossos registros!

— Tá na mão! Vamos lá! Sorria, baleia!!! – click!

A caça levou ao desaparecimento da baleia-franca na costa brasileira em 1973. Estima-se que haja 600 baleias nas águas do Atlântico Sul, número pequeno se comparado às milhares que por lá “navegavam” no passado.





cavalo-marinho

Hippocampus reidi

Em meio ao recife de coral, uma conversa muito estranha ecoa no mar:

— Diz aí, peixe, por que essa cara preocupada?

— Rapaz, papai está grávido de novo! – respondeu, mudando de cor.

— Seu pai? De novo?

— Isso! Papai! É a segunda gravidez dele neste verão. Coisa de cavalo-marinho – e, com seu focinho tubular, aspirou um minúsculo crustáceo que passava por ali distraído.

— E você já sabe se é macho, fêmea ou gêmeos ou...

— Se for como da vez que nasci, serão uns 500 irmãos.

— QUINHENTOS???

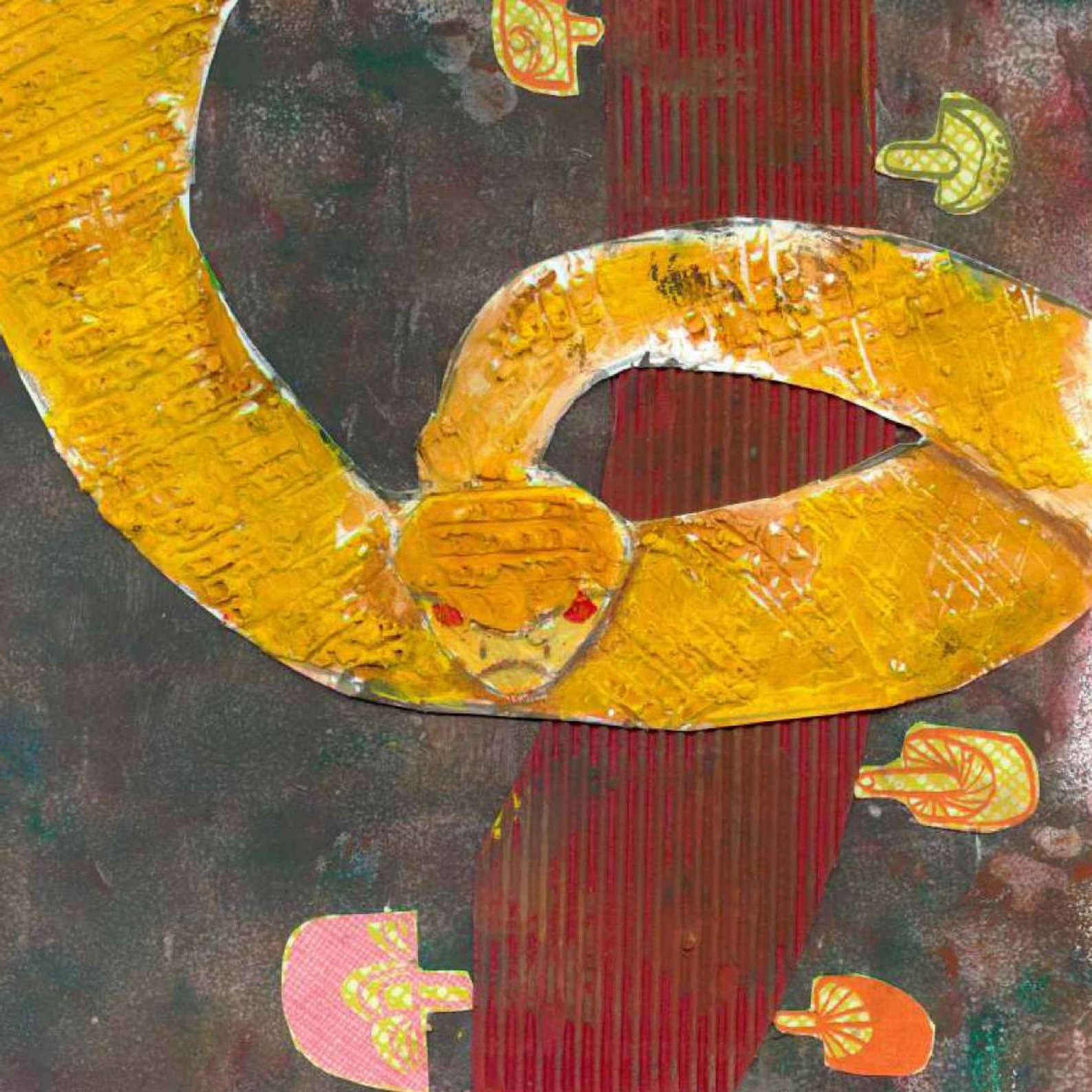
— Pois é. Mas dessa turma, só uns 15 escapam dos predadores e sobrevivem até o primeiro aniversário – disse o jovem cavalo-marinho, movimentando seus olhos em diferentes direções, independentes um do outro.

— E durante os dias de gravidez, o que sua mãe faz?

— Nada.

A fêmea deposita os óvulos na bolsa incubadora do macho, que libera o esperma dentro dessa bolsa, onde ocorre a fecundação e o desenvolvimento dos filhotes.

O comércio de animais vivos (aquariofilia) e mortos (secos) para uso em rituais religiosos ou na medicina popular é a maior ameaça ao cavalo-marinho.



jararaca-ilhoa

Bothrops insularis

Sssssomos uma essssspécie de sssserpente peçonhenta presa há milharesssss de anossss na Ilha Queimada Grande, no litoral sssssul de Sssssão Paulo. Nessssa ilha reside nossssssa família ssselvagem. Ninguém sssai de lá com vida. Sssobrevivemosss nosss enrosscando sssobre as árvoresss e sssaboreando pásssssssarosssss . Essssse jeito de falar sssibilando é sssó fressscura para passssssar o tempo. Poiss aqui temosss poucasss dissstraçõesss. E quando aparece um leitor, ficamosss todasss loucasss para ouvir uma hissstória. Masss tem que ssser essspecial. Sssenão viramosss a casaca: deixamosss de ssser ssserpentesss boazinhas e viramosss jararacasss!!!

Alimenta-se de aves migratórias, como o sabiá-una e a coleirinha. Após o bote, a ave capturada permanece presa à boca da ilhoa para não voar antes do veneno matá-la. A corruíra, pássaro residente e abundante na ilha, aprendeu a escapar do bote mortal da jararaca.



peixe-boi-marinho

Trichechus manatus

— Olha lá, painho! Olha lá! Um manati!

“Será que ouvi manati em vez de peixe-boi marinho? Ou estou tendo alucinações por estar tanto tempo sozinho sob a água salgada?” – pensou o grande animal.

— Olha lá, painho! Um manati! Um manati!

“Ah, como eu gosto quando me chamam de manati. Assim, eu fui batizado pelos indígenas caríbas da América Central, por onde eu também mergulho. E a palavra manati significa ‘animal que tem mãos’, por causa das minhas nadadeiras peitorais achatadas, com unhas, que podem amparar o filhote como fazem os animais terrestres. Acho manati mais bonito que peixe-boi marinho... Vou ver quem é que está a me olhar desta jangada. Hum, são dois humanos. Espero que não se assustem com minha chegada. É que só tenho tamanho. Na verdade, sou bem mansinho e só como algas, capins marinhos e plantas que encontro nos mangues.”

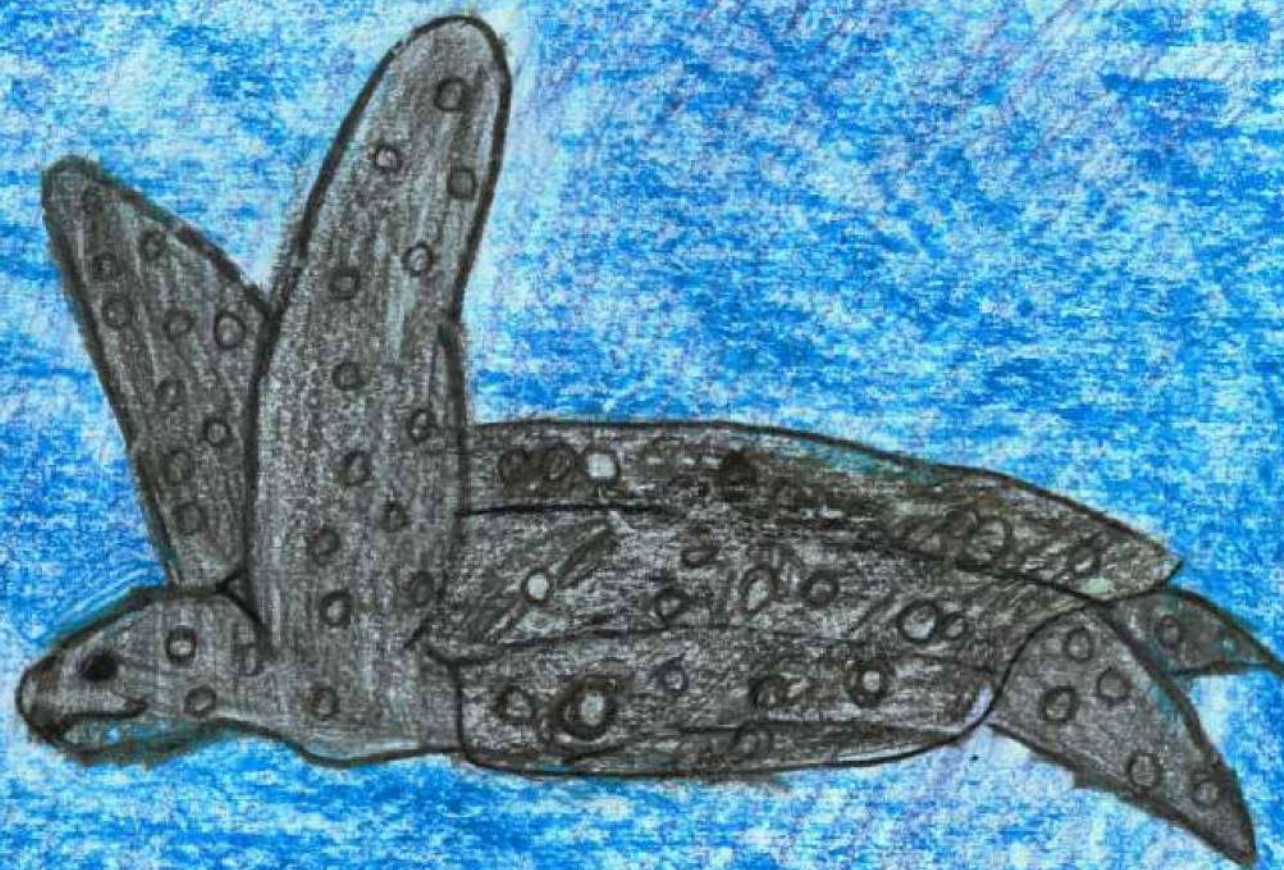
— Olha, painho, o manati está se aproximando.

— Que lindo, filho! Agora me diga, ele é um peixe ou um mamífero?

— Ah, painho, você me ensinou que se vive na água e balança o rabo de um lado para outro é peixe. Se balançar de cima para baixo é mamífero. Então, o manati é mamífero!

“Ah, sim. Sou manati. Peixe-boi marinho. E sou mamífero!”

Vive nas águas costeiras e na foz dos rios (estuários) que desembocam no Atlântico. Manatis adultos medem entre 2,5 e 4,0 m e podem pesar de 200 a 600 kg. Nas primeiras semanas de vida, o filhote alimenta-se do leite da mãe. As mamas, uma de cada lado, ficam bem abaixo da nadadeira peitoral.



tartaruga-de-couro

Dermochelys coriacea

Era dezembro em Regência, uma pequena vila de pescadores. Naquele dia, Mônica viu o amanhecer mais lindo de sua vida. Lembra o que passou e pensa no que vai ser quando crescer.

Fazia calor e passava da meia-noite quando Gui bateu à porta de sua casa. Chamava pela mãe dela e dizia que algo fantástico precisava ser visto. Os três chegaram à praia e juntaram-se ao Joca, o primeiro a ver a marca na areia que indicava o caminho até a ilustre visitante: uma tartaruga-de-couro.

De repente, Mônica viu-se ao lado do grande réptil de meia tonelada preparando sua cama na areia. Depois de um breve descanso, o animal cavou um buraco, onde depositou mais de cem ovos do tamanho de bolinhas de tênis de mesa, e, em seguida, cobriu-os com areia. Por fim, Mônica acompanhou a tartaruga em seu lento caminho de volta ao mar.

Joca sinalizou o ninho com uma estaca. Todos na vila já sabiam: “onde há estaca, não mexa, não remova, não passe por cima”. A menina vai esperar cerca de 60 dias para acompanhar o nascimento dos filhotes.

Enfim, o sol nasceu e pintou o céu com sua luz ainda tímida. Foi então que Mônica viu o amanhecer mais lindo da sua vida. E foi dormir com a certeza do que será quando crescer: bióloga.

A tartaruga adulta retorna quase todos os anos à praia onde nasceu para depositar seus ovos. Depois da postura, volta ao mar. O calor da areia vai incubar os ovos e determinar o sexo dos filhotes: temperaturas acima de 29° C produzem fêmeas; abaixo, produzem machos.





tesourão-grande

Fregata minor

Há um arquipélago, a pouco mais de 1.000 km da costa de Vitória, no meio do oceano Atlântico, onde duas ilhas se destacam: Martim Vaz e Trindade. Pode-se dizer que o Brasil começa lá, bem ao leste – o primeiro pedaço de terra brasileira a receber os raios de Sol.

Em Trindade, um trinta-réis olha para o céu e vê uma nova preocupação, além de chocar seus ovos:

— Cuidado com o almoço, pessoal! Lá vem um bando de piratas do Caribe.

As aves ficam em alerta, pois o tesourão-grande, com sua cauda bifurcada que abre e fecha como lâminas de tesoura, ganhou o apelido de pirata porque, além de se alimentar de lulas e peixes-voadores capturados na superfície do oceano durante o voo, gosta de roubar os peixes que outras aves acabaram de pescar.

Em Trindade, porém, ele não é tão pirata assim. Além dos peixes, há outra iguaria furtiva, que vai à praia assaltar os ninhos de tartaruga: o caranguejo-amarelo, também conhecido como o caranguejo-ladrão. E quando o pirata aparece, o ladrão não tem sorte. E o trinta-réis, por um instante, pode pescar em paz.

Faz seu ninho na Ilha de Trindade, onde choca um único ovo por estação de reprodução, período em que o macho distende um saco gular vermelho para atrair a atenção da fêmea. Também pode ser encontrado nos oceanos Pacífico (incluindo Ilhas Galápagos) e Índico.



toninha

Pontoporia blainvillei

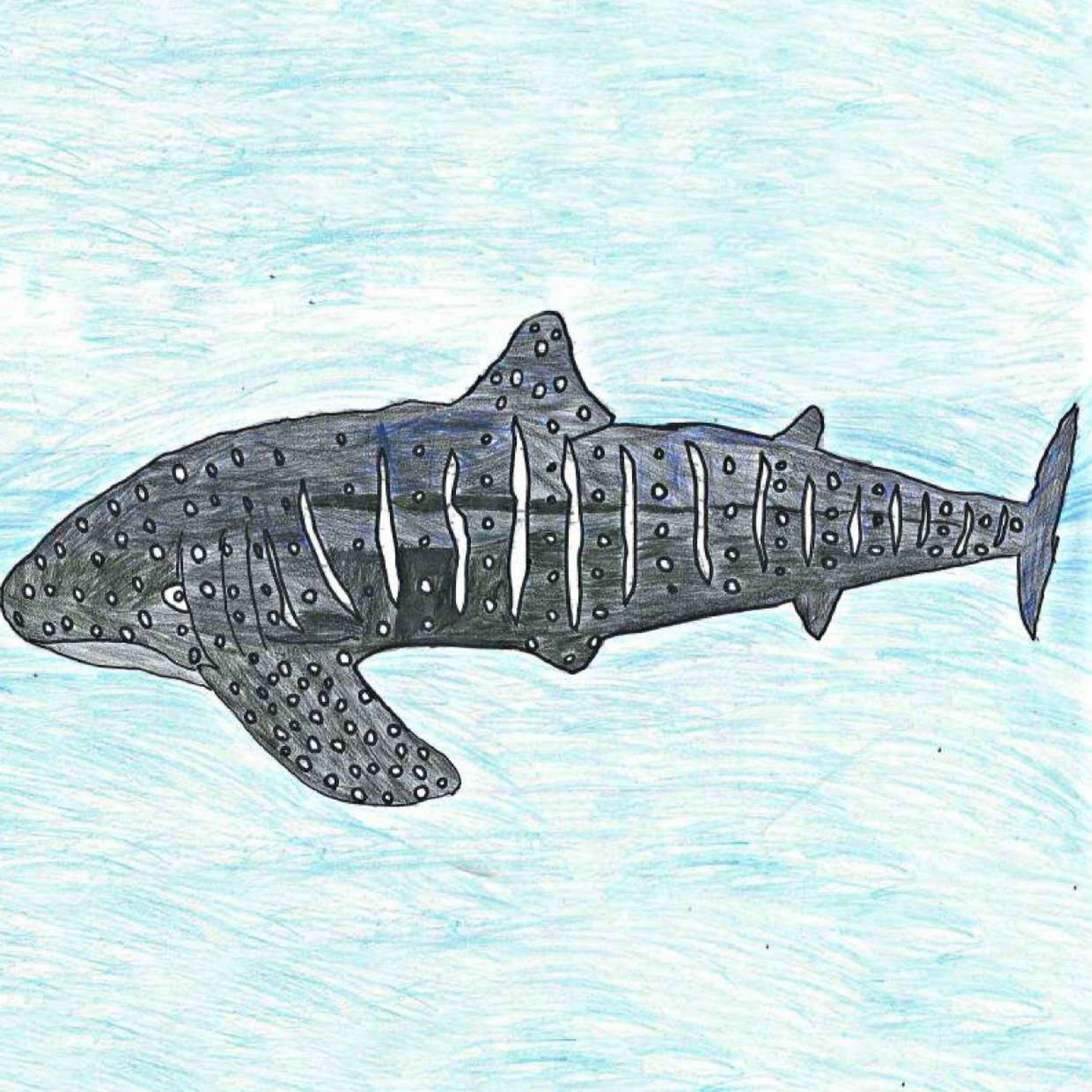
Bicudo estava feliz e de barriga cheia. Havia nadado preguiçosamente pela Baía da Babitonga e comido algumas piabas, lulas e camarões-sete-barbas. Sua boca bicuda com mais de 200 dentes estava cansada de tanto mastigar. Se não fosse tão tímido, sairia por ali dando saltos na água! Mas isso não era do seu feitio. Bicudo, assim como todas as toninhas, não gosta de se exhibir.

O motivo de tanta felicidade? É que horas antes ele percebeu uma grande rede de pesca armada no mar e desviou do perigo. Isso nunca tinha acontecido antes. Ele mesmo havia perdido amigos e parentes vítimas da pesca de amalhe e de arrasto.

Bicudo não sabia, mas a rede que ele percebeu com seu sonar faz parte de uma pesquisa dos humanos para diminuir as mortes acidentais dos golfinhos em redes de pesca. Eles testam redes revestidas de algum material visível para esses mamíferos aquáticos... Tudo ainda em fase de testes!

Bicudo nada sabe desses detalhes. Apenas está vivo, feliz e de barriga cheia.

Golfinhos, botos, toninhas e orcas são mamíferos aquáticos. Esses cetáceos, diferente das baleias, são chamados de odontocetos porque possuem dentes. No Brasil, ocorrem 22 espécies.



tubarão-baleia

Rhincodon typus

- É mentira, pai! É MEN-TI-RA!
- Mas está aqui no O POLVO FALA, filho!
- Você prefere acreditar em mim ou neste jornaleco de segunda?
- O jornal é de hoje, Justino. E hoje é terça! Segunda foi ontem!
- Ai, pai! Você bebeu água com óleo de navio? O jornal é de segunda categoria!

Como o seu juízo.

- Mas tá aqui na manchete: TUBARÃO ATACA TURISTA NA COSTA DO SAUÍPE!

— Pai, me dá o jornal. Vou ler a matéria! Diz assim: O tubarão Justino mordeu um turista no litoral baiano só porque o humano o chamou de baleia.

- Mas isso é calúnia, meu filho!!!

— Sim, pai! Ele me chamou de baleia só porque sou enorme. Eu nem liguei, dei meia-volta e fui pro fundo do mar! O turista deve ter aprontado com outra espécie, se é que ele foi mordido mesmo!!!

- Mas você não o mordeu?

— Não, pai. Como eu iria mordê-lo se nossa espécie é pacífica e não usa os dentes nem para nos alimentar?!

- Ih, é mesmo!

O longo tubarão-baleia faz jus ao nome: pode medir 20 m de comprimento e pesar 35 t. Tem um jeito próprio de alimentar-se de plâncton, pequenos peixes e crustáceos, sem precisar usar os dentes.





AGRADECIMENTOS

Aos pequenos ilustradores, donos de grande talento, que deram cor e alegria a este livro.

Ao jornalista e divulgador científico André Trigueiro, que prestigia essa obra com sua resenha.

A Paulo César Gonçalves Egler, que acolheu, incentivou e colaborou na execução do projeto que resultou neste livro, e Mônica Brick Peres, que nos inspirou a uma abordagem heterodoxa da temática.

A Cecília Leite Oliveira, Arthur Fernando Costa, Alice Araújo Cunha, José Luís dos Santos Nascimento e Beatriz Coelho Caiado, do Ibict, Amintas Angel Cardoso Santos Silva e Felipe Pinchemel Cotrim dos Santos, da Divisão das Comunidades Brasileiras no Exterior (DBR), e Luíza Lopes da Silva, do Departamento Consular e de Brasileiros no Mundo (DCB), Ministério das Relações Exteriores, Andrea Godoy Herrera, do Departamento de Documentação, Fundação SOS Mata Atlântica, Ary Mergulhão Filho, do Setor de Ciências Naturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Wandreson Monteiro, da Conteúdo Informação e Comunicação, pelo apoio e serviços que viabilizaram a execução do Projeto Livro Vermelho das Crianças.

À advogada Simone Nunes Ferreira, pela revisão do Termo de Cessão de Direitos Patrimoniais e do Termo de Cessão de Direitos de Uso de Imagem.

Ao diagramador Ricardo Campos, que soube valorizar cada elemento da composição deste livro.

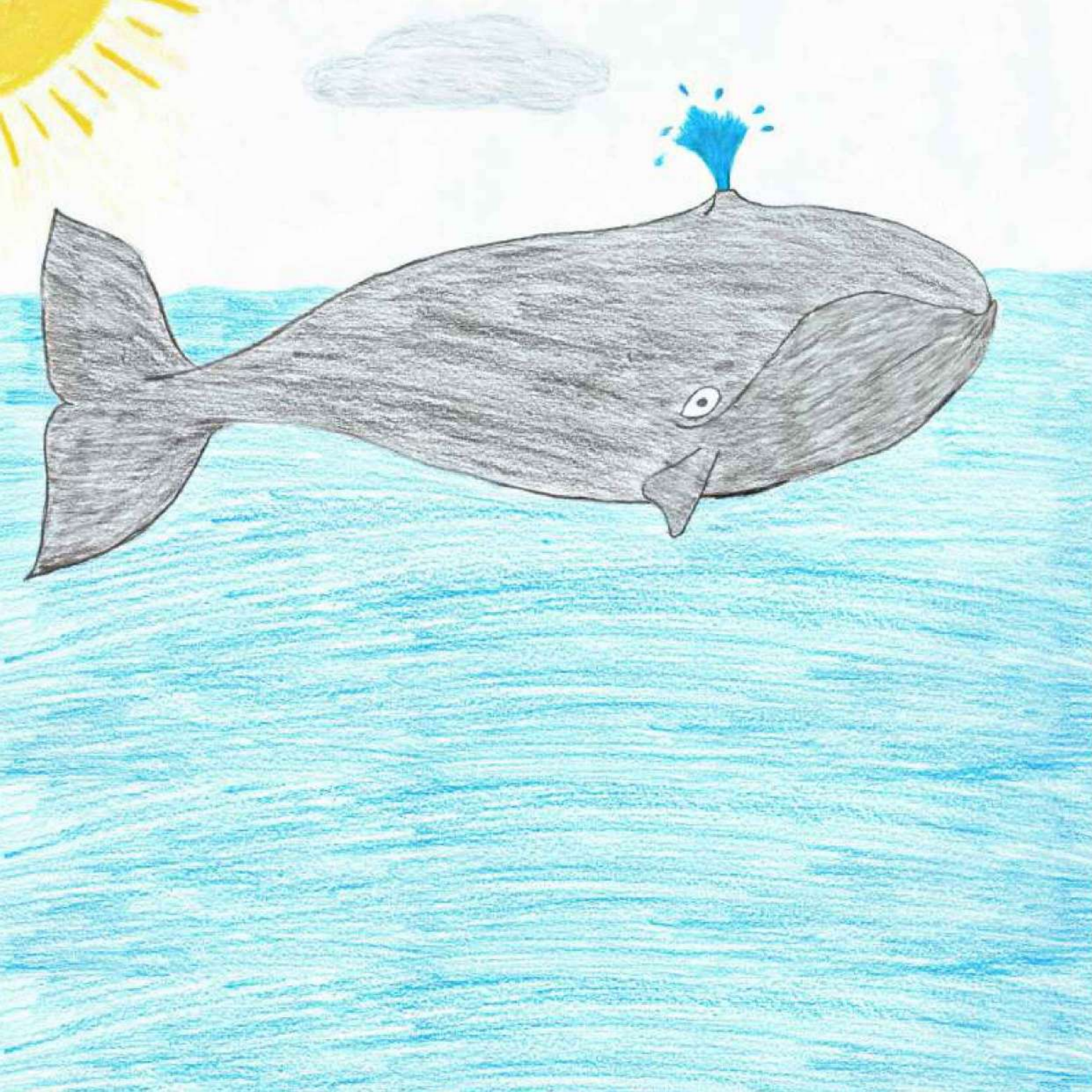
A Luís Henrique de Lima (Unesco), Joelma Fernanda Carneiro Silva, Maria Beatriz Filipe Nogueira de Almeida e Ana Paula Bernardes pelas contribuições aos textos e projeto gráfico.

A Biblioteca Infantil 104/304 Sul (Escolinha de Criatividade) e Escola Classe 411 Norte, da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF, Profa. Élide de Fátima Marsola Di Marco, do Colégio Visconde de Porto Seguro, São Paulo, SP, Profa. Claci Maria Benati e Prof. Albano Amorim Silva de Oliveira, da Escola Municipal Darcy Ribeiro, Palmas, TO, Prof. Emival Pereira Alves, da Escola Municipal Maria Rosa de Castro Sales, Palmas, TO, Profa. Ilza Marçal, da Escola Ivaiporã (Educação Infantil e Ensino Fundamental, Modalidade de Educação Especial/Apae), Ivaiporã, PR, Profas. Daniele Cadamuro, Halina Heyse e Patrícia Zeni de Sá, da Escola Municipal Profª. Herley Mehl, Curitiba, PR, Escola Idalba Abreu Pierin (Modalidade de Educação Especial/Apae), Tamboara, PR, Profas. Vanessa Moraes Camargo e Queila Cremm Domingues Piram, Centro Educacional Bem-te-vi, Itapecerica da Serra, SP, Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição, Recife, PE, Escola do Rosário do Ivaí (Educação Infantil e Ensino Fundamental, Modalidade de Educação Especial/Apae), Rosário do Ivaí, PR, Profa. Rosângela Voltarelli, Colégio Cooperativo, Porto Ferreira, SP, Dra. Rute Maria Gonçalves de Andrade, do Centro de Educação Ambiental Niéde Guidon/Fundação Museu do Homem Americano (Fumdamh), São Raimundo Nonato, PI, Profa. Elenice Moreira, Instituto Maria Imaculada, Barbacena, MG, Profa. Vera Lúcia Martins, Escola Rodolfo Wild (Educação Infantil e Ensino Fundamental, Modalidade de Educação Especial/Apae), Santa Mariana, PR, Escola Mundaí, Porto Seguro, BA, e Escola Estadual Marta da Conceição, Belém, PA.



ILUSTRADORES

Nome	Páginas
Alan Alves dos Santos	138
Alexandre Philippus Neto	110
Ana Clara Dias Souza	144
Ana Flávia Rodovanski	A,64
André Magierek Assis	4(1)
Artur Rivera Pereira de Sousa	154
Bruna de Paula Fagundes	14(6)
Brunno Hideki Hirota	70-71
Camila Barras de Moraes	36(4)
Camila Gonçalves Silva	104
Carlos Henrique da Silva	58
Carolina Domingues Santana	12
Carolina Silva de Souza	36(1)
Davi Pantoja e Silva	76
Emanuelle Mendes Monteiro Rodrigues	148
Emilly Kaillany Santos Batista	54-55
Felipe Nakahara Hiramoto ³	40-41
Felipe Roscoe Cavalcante	48,52 e 126
Felipi Rocha Ribeiro	90
Fernanda Donde da Silva ²	108-109
Fernanda Pereira dos Anjos	36(6)
Gabriel Hiroshi Ono ³	134-135
Gabriel Silva Correia	106
Giulia Castro Torresan	56-66
Gleicy Kelly Nunes de Carvalho	88
Greice Kely da Silva de Araújo	136
Gustavo Borges Rufino Alexandre	80



Nome	Páginas
Hugo Machado Cavalcanti ¹	166
Igor dos Reis Gaipo	60
Isaias dos Santos Vieira	130
Jesus Emanuel Sousa Sobrinho	50
Joana Cristina Borges de Souza	22
João Pedro Santos Carneiro	46, 102 e 122
João Vítor Andrade Santana	84
João Vítor da Silva	6-7
José Víctor dos Santos ³	2
Júlia da Silva Sousa	36(2)
Júlia Iloze Barreto	30
Kailane Costa Maciel	14(5) e 158
Kamila Almeida da Silva ¹	16(1)
Kássia Emily Neves de Melo	36(5)
Keven Santos Carvalho	36(3) e 120
Leandro Martins Cordeiro	14(2)
Lívia Cristina Amorim Almeida Oliveira	86 e 146
Lucas Brand Samuel Martins	44
Lucas Keiro Ikeda Terashita ³	92-93
Lucas Kousuke Matsunaga	29 e 42
Lucas Ribaldo	96
Lucas Vilas Bôas Iwano ¹	16(2)
Luiz Felipe de Araújo Santana	14(4)
Luíza Ribeiro Merlin	156
Luíza Roscoe Cavalcante	100
Maira Faria Corrêa Vilella	78, 112 e 142
Maria Eduarda da Silva Almeida	72
Maria Eduarda Fernandes Versiane	24 e 124



Nome	Páginas
Maria Elisa Bittar de Andrade Silva ¹	18
Maria Fernanda Bertolino dos Santos ¹	162
Maria Fernanda Moni Santana Sousa	38
Maria Luíza Maurer Vandresen	94
Mariana Aparecida da Silva	4(2)
Marie Oppliger	164
Marina Cruxên Marra Silveira ¹	161
Mateus Criscuolo Reis Gonçalves	118
Melissa da Silva Oliveira	34
Mikael Lúcio Nunes Ferreira ¹	20
Natália Maria da Silva Ribeiro	150
Nathalia Batista de Lima	140
Naum Ítalo Menezes Alencar	114
Paula França Polli	14(1)
Pedro Amaral Silveira	14(3), 74, 98, 116 e 132
Pedro Vinicyus Faustino Alves	68 e 82
Pilar Sattler da Silveira	62
Rafael Cruxên da Silva Lima ¹	32
Rafael da Silva Macedo	160
Samara Gouvêa Ferreira Farah Fonseca	28 e 128
Sandra Salomoni Pereira ¹	26
Tomás de Assunção Rondon Mello ¹	10-11
Vinícius Campos dos Santos	152

¹ Aluno(a) da Biblioteca Infantil 104/304 Sul (Escolinha de Criatividade), Brasília, DF.

² Desenho premiado no II Concurso de Desenho Infantil Brasileirinhos no Mundo do Ministério das Relações Exteriores.

³ Desenho premiado no IV Concurso de Desenho Infantil Brasileirinhos no Mundo do Ministério das Relações Exteriores.

⁴ Desenho premiado no Concurso de Desenhos Infantis da Fundação SOS Mata Atlântica.



SOBRE OS AUTORES

Otávio Borges Maia

Formado em Medicina Veterinária pela Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Medicina Veterinária Preventiva. Foi pesquisador e professor nas áreas de doenças infecciosas, microbiologia, zoologia, manejo e conservação de fauna. Trabalhou como Analista Ambiental no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama/MMA) e no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio/MMA) no período de 2002 a 2010, quando coordenou o Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (Sisbio) – um dos vencedores do Prêmio Inovação na Gestão Pública Federal em 2009. Participou dos trabalhos do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) de 2002 a 2008. Atualmente, é Analista em Ciência e Tecnologia vinculado ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict/MCTI), no qual integra a equipe do Canal Ciência, portal de divulgação científica. Em 2013, publicou o Vocabulário Ambiental Infantojuvenil.

Tino Freitas

Escritor e jornalista, formado em Comunicação Social, possui 15 livros publicados. Também desenvolve textos críticos e literários sobre Literatura Infantojuvenil em publicações diversas (revistas, sites) com circulação em todo o território nacional. É mediador de leitura do projeto Roedores de Livros e, a partir dessa experiência premiada e reconhecida nacionalmente, realiza oficinas sobre Mediação de Leitura para crianças e adultos. Desenvolve ainda projetos gráficos para publicações infantojuvenis. Foi finalista do Prêmio Jabuti (2011), na categoria Literatura Infantil e Finalista do Prêmio Bienal Brasil do Livro e Leitura (2012), categoria Literatura Infantojuvenil. Foi premiado com o 3º Lugar do Prêmio Glória Pondé (Literatura Infantil) da Biblioteca Nacional (2010). Sua obra foi selecionada para o Catálogo de Bologna, Itália (2011 e 2013) e recebeu três selos Altamente Recomendável para Criança, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ (2011 e 2012); além de integrar, por três vezes, a seleção Os 30 Melhores Livros Infantis do Ano, Revista Crescer (2010, 2011 e 2014).



ÍNDICE DAS ESPÉCIES

Bichos da Amazônia, 41
Bichos da Caatinga, 55
Bichos do Cerrado, 71
Bichos da Mata Atlântica, 109
Bichos do mar e ilhas oceânicas, 135
Bichos do Pampa, 101
Bichos do Pantanal, 93

albatroz-de-tristão, 137
araçari-de-pescoço-vermelho, 43
aranha-chicote, 57
ararajuba, 45
ararinha-azul, 59
ariranha, 95
arraia-aramaçá, 47
balança-rabo-canela, 111
baleia-franca-do-sul, 139
besouro-rola-bosta, 113
bugio-marrom, 115
caboclinho-do-sertão, 75
cachorro-vinagre, 97
cágado-de-hoge, 117
calango-que-vira-cobra, 77
cara-dourada, 79
cavalo-marinho, 141
cervo-do-pantanal, 99
corredor-crestudo, 103
cuíca-de-colete, 49
fadinha (borboleta), 73

gato-palheiro, 105
jararaca-ilhoa, 143
lagartinho-da-praia, 119
macaco-prego-de-peito-amarelo, 61
mico-leão-preto, 121
morceguinho-do-cerrado, 81
muriqui-do-norte, 123
mutum-do-nordeste, 125
papa-vento-da-chapada, 63
pato-mergulhão, 83
peixe-boi-marinho, 145
peixe-boi-da-amazônia, 51
perereca-pintada, 127
perereca-verde, 129
periquito-cara-suja, 65
piaba-branca, 85
preguiça-de-coleira, 131
rato-candango, 91
sauim-de-coleira, 53
soldadinho-do-araripe, 67
tamanduá-bandeira, 87
tartaruga-de-couro, 147
tatu-bola, 69
tatu-canastra, 89
tesourão-grande, 149
toninha, 151
tubarão-baleia, 153
tuco-tuco, 107
veado-bororó-do-sul, 133



Compartilhe a leitura deste livro com a sua família, amigos e colegas. E quando sentir que já aprendeu o necessário com ele, passe-o adiante e ajude a dispersar a informação e o conhecimento.

Resposta do caça-palavras: aquecimento global, atropelamento em rodovias, avanço da produção agropecuária, barramento de rios, caça ilegal, competição com espécies invasoras, desmatamento, destruição do *habitat* natural, doenças, expansão urbana, mineração, mudanças climáticas, pesca accidental, pesca em excesso, pesca ilegal, poluição atmosférica, poluição do mar, poluição do solo, poluição dos rios, poluição sonora, prospecção de petróleo e gás, queimada, rede de arrasto, rede de emalhe, tráfico de animais silvestres.



Este livro não poderá, em hipótese alguma, ser convertido em dinheiro, trocado ou substituído por quaisquer outros produtos, bem como comercializado.



Você sabe o que é o Livro Vermelho?

O que é uma espécie da fauna ameaçada de extinção?

O que é uma Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção? Por que a Lista de Espécies Ameaçadas é importante? Como ela é feita? Quais são as principais ameaças aos animais e o que pode ser feito para salvá-los da extinção?

No Livro Vermelho das Crianças, você vai encontrar as respostas para essas e outras questões a respeito da conservação da fauna e divertir-se com histórias e curiosidades sobre 50 bichos ameaçados de extinção no Brasil.



Cooperação
Representação
no Brasil



ibict
Instituto Brasileiro de Informação
em Ciência e Tecnologia

Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

VENDA PROIBIDA